

## *O azul da ilha, de Évelyne Trouillot*

Tradução coletiva dirigida por Ana Cláudia Romano Ribeiro<sup>1</sup>  
Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)  
anaclaudiarr@hotmail.com

**RESUMO:** Apresenta-se aqui a tradução coletiva da peça *O azul da ilha* (*Le bleu de l'île*), escrita originalmente em francês pela haitiana Évelyne Trouillot em 2005. Em uma breve introdução, o público leitor será apresentado à autora, a seu contexto e ao ponto de partida do trabalho da tradução, realizado no âmbito da disciplina “Iniciação à prática da tradução francês-português” ministrada no curso de Letras da Universidade Federal de São Paulo em 2017. A própria Trouillot, em uma apresentação que também traduzimos, explica o contexto de escrita da peça.

**Palavras-chave:** *O azul da ilha*; *Le bleu de l'île*; Évelyne Trouillot; literatura haitiana; tradução.

### *Le bleu de l'île*

**RÉSUMÉ:** On présente ici la traduction collective de la pièce *O azul da ilha* (*Le bleu de l'île*), écrite en langue française par l'haïtienne Évelyne Trouillot en 2005. Dans une brève introduction, le public lecteur sera présenté à l'auteure, à son contexte et au point de départ de cette traduction, réalisée dans le cadre du cours “Iniciação à prática da tradução francês-português” faisant partie de la formation en Lettres de l'Université Fédérale de São Paulo, en 2017. Ensuite, dans une présentation que l'on a aussi traduit, Trouillot elle-même explique le contexte d'écriture de cette pièce.

---

<sup>1</sup> Ana Cláudia Romano Ribeiro é responsável pela introdução, revisão final e anotação da tradução coletiva realizada sob sua direção com a seguinte equipe: Bárbara Martins Jacob, Camila de Souza Álvares, Caroline de Souza Seemann Flutuoso, Catherine Bonesso, Felipe Floriano Adão, Filipe Nunes, Janaina Fernanda Céspedes Campos, Jéssica Kwan Wah Mak, Keila Cristina Pereira Ribeiro, Laís Aparecida de Toledo Almeida, Letícia Xavier Serra, Lucas de Souza Guimarães, Márcia Regina de Araújo, Mariana Daminato Alves, Naiane Cortezini da Silva, Renata Grazielly Aguiar Lobo, Rômulo Batista Aenlhe Correa, Stephanie Silvestre.

**Mots-clés:** *O azul da ilha*; *Le bleu de l'île*; Évelyne Trouillot; littérature haïtienne; traduction.

## Introdução

A tradução coletiva da peça de teatro *Le bleu de l'île*, da autora haitiana Évelyne Trouillot, publicada no número 44 da *Revue de Théâtre Coulisses* (2012), disponível online, foi uma das atividades que propus a meus alunos da matéria “Iniciação à prática da tradução francês-português”. Ministrei essa unidade curricular eletiva da habilitação em Letras/Português-Francês da Universidade Federal de São Paulo no primeiro semestre de 2017 no campus de Guarulhos. Graças ao artigo panorâmico “Théâtre haïtien au féminin: les grandes voix de la scène théâtrale haitienne d’hier à aujourd’hui”, de Stéphanie Bérard (2015), tomei conhecimento da existência de *Le bleu de l'île* quando buscava uma peça pertencente ao gênero teatral e ao mundo francófono advinda de algum país que compartilhasse com o Brasil um passado colonial e, portanto, *mutatis mutandis*, marcas em comum, como a coexistência e a miscigenação de culturas e línguas<sup>2</sup>.

A peça de Évelyne Trouillot se sobressai no território da dramaturgia haitiana, marcado, como observa Bérard, pela autoria masculina<sup>3</sup>. Em *Le bleu de l'île*, a autora aborda temas universais e de grande força dramática, como a viagem, a imigração e o exílio – também presentes em sua peça inédita *Entre deux cris* –, e tão tratados na literatura de países que sofreram as consequências da exploração colonial e de períodos ditatoriais. *O azul da ilha* foi traduzido ao português com a autorização da autora, que também deu sua permissão para a publicação da tradução, além de ter esclarecido várias dúvidas referentes ao contexto histórico e cultural de que a peça faz parte. Traduzimos igualmente a breve e elucidativa apresentação que faz a própria autora do contexto de escrita dessa peça.

<sup>2</sup> Para um panorama da história política, econômica e cultural do Haiti, ver Figueiredo, 2006.

<sup>3</sup> Bérard chama atenção para o lugar fundamental que as mulheres ocupam na sociedade haitiana e mesmo caribenha, em geral, e, paradoxalmente, seu papel numericamente menor na paisagem literária haitiana. Ela observa que muitos dramaturgos, como por exemplo Félix Morisseau-Leroy, Frank Fouché, Frankétienne, Jean Métellus Hervé Denis, Cyto Cavé e Guy Régis Junior, escolhem mulheres como personagens principais e atribuem a elas características relacionadas à dignidade, à força e à resiliência (2015, p. 221). Dentre as escritoras elencadas por Bérard, estão Mona Guérin (1934-2011), autora de peças radiofônicas e sátiras (*L'oiseau des dames*, *Les cinq chéris*, *La pieuvre*, *La pension Vacher*), que coloca em questão as convenções sociais e os preconceitos em seu teatro de *vaudeville*, e cujas peças tiveram como atriz Paulette Poujol-Oriol (1926-2011), também ela autora de uma peça inédita, *Trou-soleil*; Mimi Barthélémy (1939-2013), autora de um trabalho que une voz, música e a tradição popular dos contos, escreveu a peça de teatro *Une très belle mort*; dentre as autoras vivas, Magali Comeau-Denis adaptou o romance *Thérèse em mille morceaux* de Lyonel Trouillot para o teatro e José Pliya, dramaturgo franco-beninese e transformou em peça de teatro o romance de Marie Vieux-Chauvet, *Amour, colère, folie*; Paula Clermont Péan, atriz e diretora, adaptou contos populares para o teatro, inclusive com colaboração de Mimi Barthélémy; Florence Jean-Louis Dupuy escreveu *Mariela ou l'arène des sans-bas*, *Stand up ladies* e *Pawol chouchoun* ou *Pawol Chat*, uma adaptação em crioulo haitiano e em francês de *Monologues du vagin*, de Eve Ensler; parte do trabalho teatral de Dieuvèla Etienne se baseia na improvisação com a colaboração de psicólogos e tem uma dimensão terapêutica.

Évelyne Trouillot, além de escrever peças de teatro, é poeta, autora de romances, contos e livros para crianças, além de ser ensaísta e professora universitária<sup>4</sup>. Ela nasceu em 1954, em Porto Príncipe<sup>5</sup>, capital do Haiti, em uma família de intelectuais: é sobrinha do historiador Henock Trouillot, irmã de Jocelyne Trouillot, autora de textos pedagógicos, livros para crianças em crioulo e reitora da Universidade Caraíbes, do professor de literatura, escritor e jornalista Lyonel Trouillot, e de Michel-Rolph Trouillot, antropólogo e historiador. Évelyne Trouillot fez seus estudos nas áreas de Educação e Letras, nos Estados Unidos, tendo morado por mais de dez anos em Nova York e na Flórida. Em 1987, depois da queda do ditador Jean-Claude “Baby Doc” Duvalier, retornou à sua terra natal. Algumas de suas obras são os romances *Rosalie l’infâme* (Dapper, 2003), que recebeu os Prêmios Soroptimist e Romancière Francophone e foi traduzido para o italiano (Gorée, 2005), para o inglês (University of Nebraska Press, 2015) e para o espanhol (Chile, Ambos Editores, 2017), *La mémoire aux abois* (Hoëbeke, 2010), agraciado com o Prêmio Carbet de la Caraïbe et du Tout-Monde; *Plidetwal* (Presses Nationales d’Haïti, 2015), coletânea de poemas em crioulo haitiano; *L’Île de Ti Jean* (Dapper, 2004), literatura infanto-juvenil; e *Le bleu de l’île* (2005), que recebeu o Prêmio Beaumarchais.

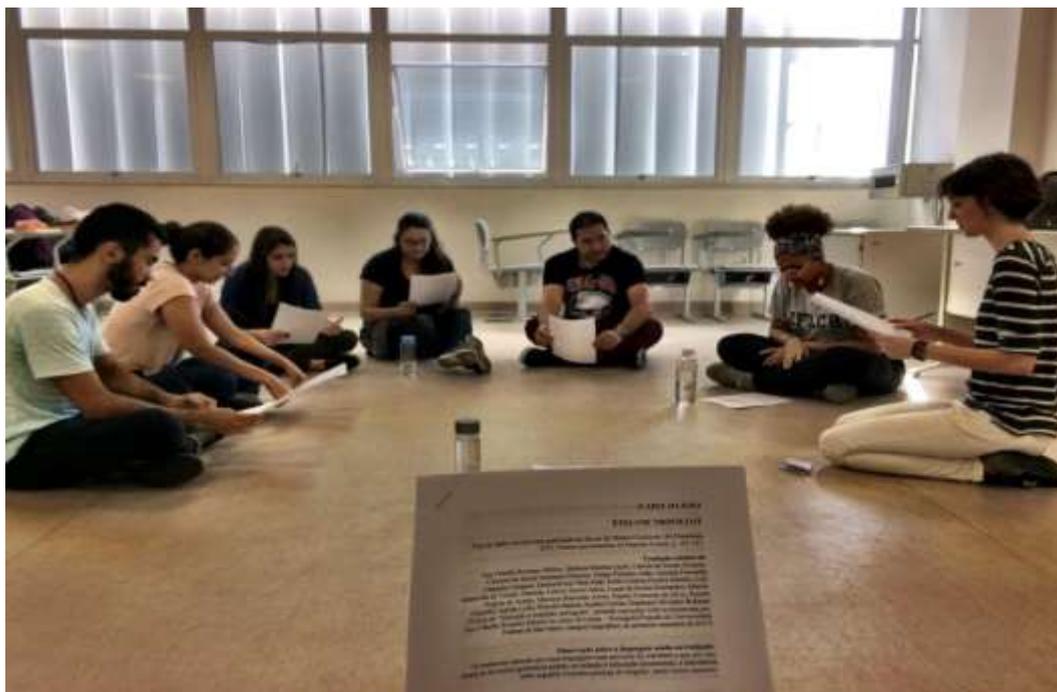
146

Em 2005, *Le bleu de l’île* foi lido no Teatro do Rond-Point em Paris e em setembro de 2009, na ilhas de Martinica e Guadalupe, pelo grupo Dram’Art, em Porto Príncipe. Também foi objeto de uma oficina de leitura dramática conduzida por Carolina Erschfeld, atriz e diretora da Cia do Caminho Velho, coletivo de teatro sediado na Universidade Federal de São Paulo que investiga novas dramaturgias, em 3 e 17 de maio de 2017, no campus de Guarulhos dessa universidade, como atividade subsidiária para a tradução coletiva da peça. No mesmo ano, Otacílio Alacran, agente cultural do TUSP - Teatro da Universidade de São Paulo, dirigiu uma leitura pública da peça em 10 de setembro de 2017, que fez parte do 18º Ciclo do Programa TUSP de Leituras Públicas. Essa leitura realizou-se sob uma luz azul e em um espaço propositalmente exíguo e elevado, que remetia à boleia do caminhão onde se passa a peça de Trouillot. Seguem abaixo alguns registros de cada uma dessas experiências.

---

<sup>4</sup> Uma lista de suas obras pode ser consultada aqui: [http://ile-en-ile.org/trouillot\\_elyne/](http://ile-en-ile.org/trouillot_elyne/). Para um levantamento da bibliografia sobre Évelyne Trouillot, ver o artigo sem autoria da revista *Palimpsest* (s.a., 2019). No Brasil, uma tradução do conto “À l’ombre de l’amandier” foi publicada no quinto número da revista *Puñado* (2018) com o título “À sombra da amendoeira”, em tradução de Raquel Dommarco Pedrão. Poemas seus foram traduzidos na antologia de poesia haitiana *Estilhaços*, com organização e tradução de Henrique Provinzano Amaral (Selo Demônio Negro, 2020).

<sup>5</sup> Nas línguas oficiais, crioulo haitiano e francês, o nome da capital é Port-au-Prince e Pòrtoprens.



À direita, Carolina Erschfeld dirige a leitura







À esquerda, Otacílio Alacran dirige a leitura

Na obra de Trouillot, como notou Herbeck (2009, p. 822), são frequentemente tematizados períodos difíceis para o Haiti, que compõem o pano de fundo no qual a humanidade de suas personagens, perdidas ou em busca de um lugar no mundo, revela a complexidade de sua existência. É assim em *O azul da ilha*, mosaico de histórias de vidas que, na boleia de um caminhão, sob uma lona azul, estão em um limiar, entre um passado difícil e um futuro incerto. Também é assim no conto “Dayiva”, publicado no volume intitulado *Parlez-moi d’amour* (2002), situado historicamente na época da ditadura dos Duvalier, em que o público leitor acompanha a existência de uma personagem e sua relação com a natureza, com seus vínculos familiares, com suas lembranças e com a sociedade; nada é óbvio nem simplificado na descrição desta personagem, de sua vida e de suas escolhas.<sup>6</sup> A própria autora dirá, em entrevista a Juliana Leite publicada em 2018 no site da revista *Puñado*: a literatura acende “uma claridade que toca as sombras, os meios-tons, e desvenda o *chiaroscuro*”, é “escrita que tenta quebrar os tabus, esmagar os pré-julgamentos e dar lugar aos sonhos” (TROUILLOT, 2018, s. p.).<sup>7</sup>

Trouillot, nessa mesma entrevista, comenta sua vontade de “dar voz aos anônimos, aos invisíveis, àqueles a quem a sociedade marginaliza” (2018, s. p.), algo que ela contrapõe às narrativas sobre os heróis haitianos, todos eles figuras masculinas, narrativas que contribuem, por exemplo, para ocultar o papel das mulheres, cuja participação nos acontecimentos históricos do Haiti foi tantas vezes decisiva.

Herbeck nota ainda que Trouillot compartilha os temas da luta, da memória, da religião, da infância e da identidade com outros escritores e escritoras haitianos, tais como Edwige Danticat<sup>8</sup>, Louis-Philippe Dalembert, Dany Laferrière<sup>9</sup>, Yanick Lahens<sup>10</sup> e Gary Victor (2009, p. 822).<sup>11</sup>

*Le bleu de l’île*, que aqui publicamos traduzida, dá uma pequena, mas consistente amostra da diversidade da literatura escrita em francês e da

<sup>6</sup> Este conto é objeto da pesquisa de iniciação científica de Laíza dos Santos Albaram, aluna do curso de Letras/Português-Francês da Universidade Federal de São Paulo por mim orientada, e será em breve publicada na forma de artigo. Herbeck percebe a mesma complexidade no romance *Rosalie l’infâme* e sobre ela discorre com a autora em uma entrevista (2009).

<sup>7</sup> Sobre a relação entre literatura e história na obra de Trouillot, ver Herbeck, 2019.

<sup>8</sup> De Edwige Danticat, Raquel Dommarco Pedrão traduziu o conto “Entre a piscina e as gardêneas”, publicado na revista *Puñado* 3, publicada pela editora Incompleta que em seu site (<https://incompleta.com.br>) publicou uma entrevista com a autora, com perguntas de Cristiane Sobral.

<sup>9</sup> De Dany Laferrière foram publicados no Brasil, pela editora 34, *País sem chapéu* (2011), traduzido por Heloisa Moreira, e *Como fazer amor com um negro sem se cansar* (2012), traduzido por Heloisa Moreira e Constança Vigneron.

<sup>10</sup> Yanick Lahens foi convidada para inaugurar a cadeira *Mondes francophones* no Collège de France e proferindo, em 21 de março de 2019, a aula intitulada “*Urgence(s) d’écrire, rêve(s) d’habiter*”.

<sup>11</sup> Para um panorama da literatura haitiana até 2006, ver Ménard, 2011.

amplidão cultural e linguística da “república mundial das letras” (para retomar um termo usado por Pascale Casanova em 2002).

## 1. Tradução

### *O azul da ilha*

#### Apresentação

#### Situação histórica

Durante os últimos cinquenta anos, a deterioração da situação econômica do Haiti levou milhares de homens e mulheres a buscar fora das fronteiras do país uma vida melhor, em Miami, nas Antilhas francesas, em Barbados ou na República Dominicana.

Uma das consequências das colonizações francesa e espanhola foi a divisão da ilha de Haiti em dois Estados: no leste, a República Dominicana, e no oeste, a República do Haiti. Os problemas migratórios são, há muito tempo, uma constante fonte de conflitos entre os dois países. Se, por um lado, a República Dominicana alega dever se proteger da invasão massiva dos haitianos, por outro lado, a comunidade haitiana estabelecida na República Dominicana diz não gozar de nenhum direito, mesmo contribuindo para o desenvolvimento do país. Sequer as crianças haitianas nascidas em território dominicano têm direito à nacionalidade dominicana e, ademais, elas são frequentemente discriminadas no Haiti. A mão de obra haitiana vem sendo usada há dezenas de anos na construção, nos setores de serviço e, sobretudo, nos “*bateyes*” [acampamentos] onde trabalham os haitianos cortadores de cana. Estes migrantes haitianos vivem em condições desumanas, que muitos comparam a um inferno. O Estado haitiano dá mostras de uma grande indiferença em relação ao destino e ao tratamento reservado a seus cidadãos na República Dominicana. No geral, o perfil socioeconômico dos membros da comunidade (campesinato pobre, não organizado, trabalhadores não qualificados desempregados) parece estar na origem da manifesta falta de interesse da sociedade haitiana e do Estado haitiano.

De tempos em tempos, após um drama particular na República Dominicana, o estupro e a morte de uma estudante haitiana ou o assassinato horrível de cidadãos haitianos, surgem protestos dos dois lados da ilha e logo tudo se acalma. Algumas associações haitianas e dominicanas, porém,

trabalham ativamente para protestar contra essa situação e lutam pelo respeito aos direitos dos migrantes haitianos.

## **O drama**

Em junho de 2000, um grupo de haitianos originários de uma pequena cidade do norte do país chamada Port-à-Piment partiu clandestinamente para a república vizinha. Os guardas dominicanos às vezes recebem um pagamento para deixar passar grupos de “clandestinos”, mas neste domingo, aconteceu de a equipe ter mudado e de os novos guardas não terem sido informados da operação. Eles interceptaram o veículo, atiraram e vários passageiros foram mortos.

A peça se inspira neste drama ocorrido em um domingo do mês de junho de 2000.

## **A trama da peça**

Os passageiros se encontram em Port-à-Piment ao raiar do dia para pegar a estrada. Todos eles vêm desta cidade, todos têm razões para deixar o país, todos estão desesperados e prontos para arriscar suas vidas. Eles vão subindo, um a um, na caminhonete<sup>12</sup> conduzida por um motorista dominicano.

152

## **Personagens – Os passageiros**

### ***Mulheres***

*Fifi*: irmã de Ronald, costureira, esposa de Edgar, grávida e mãe de uma filha pequena (Christelle)

*Romaine*: jovem independente e dinâmica, teve uma aventura com Ronald quando ele foi para a capital

*Madeleine*: está indo procurar seu homem, Charlot, no leste da ilha; o filho deles morreu em Port-à-Piment

*Marie-Jeanne*: vendedora de carvão, mãe de três crianças, apanha do marido

*Violetta*: mulher um pouco despuorada; para sobreviver é capaz de tudo

*Lorette*: formada em confeitaria, alérgica a farinha

### ***Homens***

---

<sup>12</sup> No início do ato II, cena 3, é especificado o tipo da caminhonete: uma Daihatsu, marca japonesa.

*Ronald*: garagista, irmão de Fifi, pai de um menino (Roberto) e de Amandine, que vai nascer em breve

*Edgar*: marido de Fifi, pedreiro

*Jean-Marie*: irmão de Edgar, de caráter duvidoso, capaz de fazer qualquer coisa para subir na vida.

*Évariste*: filho do cabeleireiro da cidadezinha, obcecado pela República Dominicana, decidiu abandonar o comércio de seu pai para se mudar para Santo Domingo

*Josaphat*: velho camponês perseguido pelas autoridades haitianas por ter vingado sua mulher

*Enzo Gabriel*: foi deportado depois de ter passado alguns anos na República Dominicana, onde ele tem uma esposa dominicana e filhos nascidos lá; quer voltar a viver com eles a qualquer custo

*Mauricio Rafaël Perez* ou *La Volanta*: motorista dominicano

### ***Personagens que visitam a memória dos passageiros da caminhonete***

*Francine*: esposa de Ronald, grávida de Amandine, que vai nascer em breve, e mãe de um menino (Roberto)

*Man Étienne*: falecida mãe de Ronald e de Fifi

*Mulher de Josaphat*: falecida

*Irmã de Lorette*, que pagou os cursos de confeitaria de Lorette

### **A intriga**

Todas as cenas acontecem embaixo da lona azul de uma caminhonete.

Todos os passageiros se conhecem, pois vêm da mesma cidadezinha, mas alguns, como Ronald, Fifi, Edgar e Romaine estão unidos por fortes laços de família ou de amizade. Trata-se de burlar, caso seja necessário, a vigilância dos guardas dominicanos, e atravessar a fronteira. O objetivo dos passageiros é encontrar trabalho e, para a maioria deles, poder ajudar quem fica ou voltar para abrir um pequeno comércio.

Eles conversam sobre suas razões para partir, evocando a vida difícil que explica a partida.

Ao longo da viagem, a direção imprudente de *La Volanta*, o mau estado das estradas, a ameaça constante de serem descobertos pelos guardas provocam a angústia dos passageiros já invadidos por sentimentos de ansiedade, culpa e

arrependimento. A esperança é um tênue fio que os une, com diferentes graus de ceticismo.

Durante a viagem, as relações se consolidam ou se estilhaçam. Alguns segredos são revelados, outros permanecem, trocam-se confidências. Face à ameaça dos guardas dominicanos e de todos os perigos que se seguem, os passageiros mergulham em suas memórias e em suas emoções.

\*\*\*

*Os doze passageiros estão deitados, ajoelhados ou encolhidos embaixo de uma lona azul. O ambiente é constituído por vários painéis diferentes, mas em cada diálogo, um só se acende. Painéis: casa de Ronald, ruas da cidadezinha, a praça do mercado, as ruas de Port-au-Prince, um bairro das favelas de Port-au-Prince, um lar burguês, um campo de milho. De tempos em tempos, ouve-se um grunhido, um passageiro reclama, empurra outro, fala um nome, solta uma gargalhada. Ao fundo, o barulho de um veículo que corre desenfreado por um caminho de terra batida. De tempos em tempos, nuvens de poeira se levantam. O dia está começando.*

154

ATO I

### **Cena 1**

*Painel da casa de Ronald*

*Francine (cuidando de diversas tarefas domésticas):* Eu não tenho poder nenhum. Dizem que as mulheres são tão poderosas diante de seus homens, mas eu serei sempre mais fraca que a miséria. Ela pode te tomar e te levar para longe de mim, e eu não posso dizer nada.

*Ronald (se aproxima dela, mas não a pode tocar, como se ela fosse transparente):* Me deixa respirar a sua pele<sup>13</sup>. Não fala nada, porque é no silêncio que eu me abasteco de você.

---

<sup>13</sup> Em nossa tradução, optamos por usar formas encontradas na língua falada, como orações iniciadas por pronomes átonos e alternância de formas verbais e pronominais da segunda e da terceira pessoa que, em várias regiões do Brasil, parecem acentuar o efeito de intimidade.

*Francine:* Não esqueça das primeiras vezes em que a gente se cumprimentou, do meu traseiro quente colado às suas costas e do cheiro do café nos nossos lábios. Não esqueça da minha pele.

*Ronald:* O brilho dela me marcou logo na primeira vez.

*Francine:* A primeira vez, no pátio da igreja, a alguns metros do mercado, atrás da escola comunal. Na grama molhada. Meus fardos de tecidos viraram uma coberta colorida.

*Ronald (sorrindo emocionado):* Estragamos alguns.

*Francine (como se estivesse sonhando):* Em casa, eu contei que vendi os panos. Acho que só o Carlo duvidou de alguma coisa.

*Ronald:* Por que é que você ainda tem que falar esse nome?

155

---

*Francine:* Desculpa. Meu irmão sempre vai estar entre nós, grudando mais que a miséria, mais forte que a ferrugem.

*Ronald:* Francine, não estraga minha tentativa de guardar você no fundo da minha memória. Me fala do Roberto.

*Francine:* Escuta os pés dele batendo na terra. Ele está correndo na sua direção, com os braços abertos, com um sorriso no canto dos olhos antes de sorrir com os lábios. Ele joga toda a ternura dos seus cinco anos no seu peito.

*A criança parece atirar-se contra Ronald, mas, assim como acontece com Francine, o contato não se realiza.*

*Ronald:* O riso dele faz cócegas no meu coração. Como me faz bem!... Eu também prometi proteção e segurança para ele. Pão na mesa, manhãs sem a angústia da fome e um futuro com um caminho bem traçado. Eu sei, um pai não pode prever tudo e um filho vai encontrar em seu trajeto, de todo modo,

buracos, poças d'água e sinais vermelhos de tempos em tempos. Mas eu quero que ele tenha na frente dele um começo de caminho, não um amontoado de emboscadas onde ele não vai saber nem onde colocar os pés.

*Ao fundo, o riso de uma criança e passinhos que correm.*

*Francine:* Meu pai mora em Miami há tanto tempo que eu não me lembro mais do rosto dele. É um ser sem contornos. Se eu olhasse para ele de perto, não o reconheceria. Ele mandou uns dólares pra gente, que transformamos em maços de *gourdes*<sup>14</sup>, em mantimentos, em calçados, em pequenos luxos que davam inveja nos outros... mas como pesa um pai ausente!

*Ronald:* Eu sei disso melhor do que você. O meu pai nos deixou quando eu não tinha nem quatro anos. Mas, não pretendo passar muito tempo em Santo Domingo<sup>15</sup>. Você vai ver, meu docinho, daqui a cinco anos, no máximo, eu volto. Talvez até mesmo antes, só para ver o bebê.

*Francine:* Ela vai nascer na sua ausência.

156

*Ronald:* Ela vai nascer pensando em mim, pois o meu amor já está com ela, aí em você. Quando ela nascer, lembra desse nome que eu escolhi, porque ela vai ter os olhos amendoados, como os da minha mãe. Minha filha, minha Amandine que está quase nascendo...

*Gesto das duas mãos em volta da barriga de Francine.*

*Francine (parece afastar-se de Ronald, ela levanta os ombros e vai embora):* No mês de setembro. Na sua ausência.

*Ronald:* Francine, não me cubra de críticas enquanto eu me agarro à sua lembrança para esquecer essa caminhonete que me afasta de todo mundo que eu amo. Esquecer essas pessoas empoeiradas e sujas com quem estou sacolejando desde cedo, embaixo dessa lona de um azul tão artificial quanto a nossa respiração controlada, calculada para não fazer barulho. Como se a gente tivesse sido condenado a não fazer barulho durante toda a nossa vida.

---

<sup>14</sup> *Gourde* é a moeda haitiana.

<sup>15</sup> Capital da República Dominicana.

*Ronald deita-se novamente no chão. Está espremido entre duas mulheres. Ele se contorce um pouco, tenta encontrar uma posição mais confortável. Os movimentos do veículo fazem os passageiros clandestinos balançarem. Escutam-se reclamações, prantos e depois a voz de uma mulher:*

*Lorette:* Para de choramingar Marie-Jeanne.

*Uma outra voz responde, uma voz de mulher forte e irônica:*

*Romaine:* Deixa ela, Lorette, nem todo mundo pode mergulhar como você num desânimo silencioso. Isso é um privilégio de pessoas ricas e desequilibradas.

*Evariste:* Calem a boca! Vamos ser pegos por causa de vocês, seus idiotas.

*Josaphat:* Ei! Você! Cabeleireiro fracassado. Você estava com tanta pressa para subir nessa caminhonete hoje de manhã, não me diga que já está com medo!

*Várias vozes:* Quietos, schhh!

*Ronald fala sem levantar-se. Ele está grudado em Lorette. Aos poucos, ilumina-se o painel que representa as ruas da cidadezinha de Port-à-Piment.*

*Ronald:* Oh, minha Francine, como posso me sentir atraído por Lorette quando a sua lembrança me enche de doçura? Essa coisa que os homens têm entre as pernas obedece às suas próprias leis? A Lorette nem faz o meu tipo. A frieza do olhar dela me lembra a calmaria gelada do rio depois da chuva, mas o movimento do traseiro dela encostando nas minhas costas me arrepia até as entranhas.

*Lorette se desvencilha de Ronald e se levanta. Ela começa a falar de maneira monocórdica como se gravasse a própria voz.*

*Lorette:* Minha querida irmã, estou enviando esta fita cassete de Port-au-Prince. Eu não sei quando vou poder voltar para casa. Eu não tive como juntar dinheiro para pagar os cursos deste trimestre. Perdi o bico que eu tinha como cozinheira num restaurante da Grand-Rue. Em condições normais, eu deveria terminar este ano, mas com todos esses atrasos, se eu terminar no ano que vem, posso me considerar sortuda. Me manda o que você puder. Eu não queria te pedir, mas não tenho escolha. Manda um oi para os amigos de Port-à-Piment. Um beijo, da sua irmãzinha Lorette.

*A irmã de Lorette lavando a roupa energeticamente. Painel com o exterior de uma casa em ruínas.*

*Irmã de Lorette (num tom cada vez mais emocionado à medida em que ela fala):* Você finalmente voltou depois de três anos de estudo interrompidos. Três anos para um ciclo de estudos de dezoito meses. Se você soubesse o que isso me custou, seus famosos estudos na Escola de Economia Doméstica da “mulher capacitada”<sup>16</sup>. Mas eu tinha prometido a mamãe que cuidaria de você. Todos nós nos sacrificamos por você.

*Lorette:* Vocês me repetiram isso tantas vezes que eu não poderia esquecer. O que vocês fizeram por mim eu sou obrigada a retribuir cem vezes mais. Na verdade, vocês não se sacrificaram sem esperar nada em troca.

*Irmã de Lorette:* Nós estávamos tão orgulhosos, tão contentes quando você abriu a sua confeitaria “*Bonne Bouche*”<sup>17</sup>! Você confeccionava todos os tipos de bolo: Mickey Mouse, para os aniversários de crianças, construções complicadas para os batizados e comunhões. Em cima dos bolos de casamento, dois noivos rosados de mãos dadas. Você fazia até bolos de velório onde escrevia “Que sua alma descanse em paz” com letras roxas.

158

*Lorette, fingindo que está preparando a massa e colocando mecanicamente os bolos no forno.*

*Lorette:* Quantos bolos a gente pode vender em uma cidadezinha como Port-à-Piment? Se o parente de Miami não promete enviar o dinheiro do vestido e dos sapatos novos, a primeira comunhão é adiada e eles cancelam o bolo. Pelo menos eu tentei. Peguei dinheiro emprestado para começar meu negócio, comprei as formas, as bateadeiras, e claro, um forno de qualidade para fazer os meus bolos direitinho.

---

<sup>16</sup> No original, *Une femme qui possède ses dix doigts* (“Uma mulher que tem seus dez dedos”). Segundo Évelyne Trouillot, esta expressão denomina uma mulher capaz de cuidar de uma casa “de maneira extraordinária e levar a cabo todas as tarefas domésticas. (Informação fornecida em e-mail da autora a Ana Cláudia R. Ribeiro em 14 de maio de 2017.)

<sup>17</sup> *Bonne bouche*: literalmente, “Boa Boca”, significando lugar onde se come bem.

*No fundo, canta-se Happy birthday (com um forte sotaque crioulo), depois Sak pa canta pap manje*<sup>18</sup>.

*Ronald, estufando o peito para falar:* Para a festa de mamãe, Fifi e eu tínhamos encomendado um bolo maravilhoso da confeitaria “*Bonne bouche*”. Com flores para todo lado. Lorette tinha escrito com letras caprichadas: “Feliz aniversário mamãe querida, de seus dois filhos”. Man Étienne tremeu quando leu a mensagem e nos agradeceu do fundo do seu desgosto sem fim. Como diz Fifi, mamãe, depois da morte das gêmeas, guardou sua alegria no bolso e nunca mais tirou. A gente nunca mais comprou bolo para ela.

*Lorette:* De qualquer forma, ninguém mais compra bolo. Eu não posso mais fazer. Desenvolvi uma aversão pelo cheiro da manteiga derretida e dos ovos, por tudo o que me lembra os longos anos de estudo e solidão na capital. Sou alérgica a farinha, a essência de baunilha. Minhas mãos ficam cheias de bolhas de pus, tremendo como as mãos das velhas na hora em que mais precisam delas. Quebro os ovos na tigela errada, misturo sem querer a gema na clara, estrago o creme, pincelo o bolo com os meus fracassos.

*Irmã de Lorette (torcendo raivosamente a roupa):* E você queria que, ainda por cima, eu ficasse com pena de você? Eu deixei de lado meus próprios filhos para te dar apoio nesta desgraça de Port-au-Prince. Eu nem dormia de tanto que me preocupava com você. Te mandava tudo o que podia. E eis que hoje, a senhorita decide que não pode mais sentir o cheiro da farinha. Depois de todos esses estudos, você me faz a vergonha de abrir embaixo de um caramanchão, entre duas árvores, um comerciazinho miserável de frituras. Você mal consegue tocar esse negócio! E ainda se espanta quando eu te expulso da minha casa!

*Lorette (voltando para a cama):* Dos meus longos anos de estudos, só ficou um cheiro persistente de baunilha do qual não consigo me livrar. Por que ficar aqui? Eu prefiro tentar a sorte aqui do lado, nada me segura nesta cidadezinha onde todos vocês me consideram um animal exótico.

---

<sup>18</sup> *Sak pa canta pap manje*: “quem não canta não come” [o bolo de aniversário] ou, em francês, “*celui qui ne chante pas n'aura pas à manger*”. Segundo nos explicou a autora no mesmo e-mail já citado, esta canção lúdica é cantada com a melodia de “Feliz aniversário”.

*Irmã de Lorette:* Você intimidada e irritada com esse seu jeito deprimido. Você acha que os verdadeiros infelizes têm o luxo de se sentir deprimidos? A fome não perdoa ninguém!

*Lorette (deita-se novamente, mas afasta-se de Ronald e dos outros; ela se encolhe):* Em nome da miséria, você nega até meus estados de espírito.

*Ronald:* Seu cheiro de baunilha me lembra mamãe e as gêmeas. Fifi e nossa infância. Mas eu não quero pensar nisso. Ah, minha irmãzinha querida aqui... ela também... enfurnada nessa caminhonete que corre num ritmo de doido... Minha irmã grávida do segundo filho. Meu Deus! Que nada de ruim lhe aconteça! Eu não suportaria.

*Retorno à casa de Ronald. Fifi e Ronald crianças correm ao redor de uma árvore cantando: "Yon ti pye lorye"<sup>19</sup>. E eles brincam de amarelinha. Veem-se também duas meninas menores, vestidas de maneira idêntica. A mãe de Ronald aparece também, todas as crianças a rodeiam e ela sorri juntando-as em volta dela.*

160

*Ronald:* Mamãe! Como você fica bonita quando sorri. Eu tinha esquecido como era o som da sua risada. Você realmente mudou depois da morte das gêmeas. Essa epidemia de disenteria que devastou a cidade quase levou a gente embora também.

*Man Étienne para de brincar com as crianças e se vira para Ronald.*

*Man Étienne:* Mas vocês sobreviveram. Me perdoem - e o Eterno sabe que eu amo vocês - mas cada vez que eu vejo vocês, penso nos meus dois bebês. Elas não tinham nem seis anos. Eu fiz tudo para salvá-las. Primeiro, a enfermaria da escola das Irmãs, em seguida a velha Rosa conhecida pelas ervas e depois o *hougan*<sup>20</sup> Zachary. Senhor, me perdoe por ter lhe ofendido, mas naquele momento, eu teria vendido minha alma ao diabo para ficar com elas! Depois eu

---

<sup>19</sup> Évelyne Trouillot explica: *Yon ti pye lorye* é uma canção popular cantada pelas crianças haitianas que fala das flores, do loro, de um arbusto balançado pelo vento, leve como a canção e também divertido. (Informação fornecida em e-mail da autora a Ana Cláudia R. Ribeiro em 30 de maio de 2017.)

<sup>20</sup> *Hougan*: sacerdote vodu, em língua crioula haitiana, apadroadado por um espírito (*loa*) específico" (cf. <http://porteddieux.clicforum.com/t2397-Description-Lexique.htm>).

me arrependi. Na Igreja de Deus, dei testemunho de todos os meus erros para os outros fiéis.

*Man Étienne abaixa a cabeça em sinal de arrependimento depois se senta na frente de uma velha máquina de costura.*

*Ronald:* Mona morreu durante a noite. Monique, que a gente pensava que estivesse curada, passou da vida para a morte de manhãzinha. Sua *marassa*<sup>21</sup> a estava chamando, é normal.

*Man Étienne:* Eu mesma costurei os últimos vestidos delas. Eu não deixaria que ninguém mais fizesse isso. Usei o tecido que estava guardando para o sétimo aniversário delas, véu de algodão rosa com margaridas verdinhas. Apliquei renda verde na gola e nos punhos.

*Ronald:* Sim, na sua velha máquina de costura. A gente escutou você a noite inteira. Até amanhecer.

*Man Étienne:* A noite toda eu cortei, alfinetei e costurei. Nem precisei pegar as medidas. Eu conhecia cada centímetro do corpo delas, cada comprimento e a espessura de dos bracinhos que se enrijeceram para sempre.

*Ronald:* De manhã, os vestidos esperavam arrumadinhos em cima de uma cadeira na sala. Você desabou depois do funeral. A partir daí, a sua dor te afastou da gente.

*Gesto enraivecido de Man Étienne que joga violentamente no chão um porta-retratos com a fotografia do pai dos seus filhos.*

*Man Étienne:* Seu pai, que tinha fugido duas semanas depois que elas nasceram, nem apareceu para se despedir delas. Eu poderia perdoá-lo por todas as mulheres que reboavam ao me ver para me fazer entender que ele tinha passado a mão nelas, o bafo de bebida quando ele voltava no meio da noite,

---

<sup>21</sup> *Marassa*: palavra em crioulo haitiano que designa irmãos gêmeos, tidos por sagrados, pois “representam o equilíbrio, os dois polos de um todo” (cf. <http://porteddieu.x.clicforum.com/t2397-Description-Lexique.htm>, tradução minha).

mas ele ignorar as filhas até na morte, para mim, é a pior das feridas. Eu sei que meu irmão Ferdinand o avisou... Seu tio pensou que estava fazendo a coisa certa.

*Enquanto Ronald fala, as crianças fingem que dão palmadas. Tentam evitar os tapas do tio Ferdinand (silhueta atrás da lona).*

*Ronald:* Meu tio Ferdinand sempre quis fazer o certo. Ele usava seu chicote de couro cru em nós dois, em Fifi e em mim. No lugar mais sensível das costas. Ali onde a pele não escapa das sensações mais gostosas, nem das mais dolorosas. Na ausência de papai, ele se dava o direito de nos punir e a cada visita ao Cap-Haïtien<sup>22</sup> ele procurava se informar sobre o que a gente tinha feito de errado. Só as gêmeas escapavam das punições. O grandalhão não admitia, mas tinha medo dos poderes sobrenaturais das *marassa*. Todo dia ele inventava uma razão para não puni-las. Magnânimas e maliciosas, minhas duas irmãzinhas assumiam a culpa dos nossos malfeitos e mesmo duvidando do subterfúgio, o tio Ferdinand não ousava castigá-las.

*As quatro crianças brincam ao fundo. Atmosfera de felicidade e alegria em volta de uma árvore.*

*Man Étienne:* Nunca tive medo dos meus anjinhos. Tão doces e carinhosas, elas se aninhavam no meu colo e me davam de uma só vez uma dose dupla de ternura.

*Ronald:* Eu também as amava, mamãe, você sabe. No dia do funeral, você não percebeu que o tio Ferdinand carregava um dos caixões, nem que ele me obrigou a carregar o outro com a ajuda do primo Antoine. Como dois pequenos caixões de madeira clara podem ser tão pesados? Durante todo o percurso da igreja ao cemitério, eu fiquei esperando o momento em que Monique me pediria para deixá-la sair. Durante duas noites, eu achei que estava ouvindo os pequenos punhos delas batendo nas ripas, pedindo para sair da escuridão.

*Man Étienne (faz um gesto de tocar a bochecha no rosto de seu filho antes de desaparecer):* eu escutava vocês chorando durante a noite, Fifi e você, mas eu não conseguia quebrar minha carapaça de tristeza. Ela me endureceu até eu morrer.

---

<sup>22</sup> Segunda cidade mais populosa do Haiti, o Cap-Haïtien (Cabo Haitiano) se situa na costa norte.

*Ronald deita-se no chão. Os passageiros se agitam. A caminhonete anda cada vez mais rápido. Escutam-se resmungos, chutes. O sol nasce.*

*“Chega para lá, Ronald”, diz uma voz de mulher (Lorette)*

*Marie-Jeanne soluça de leve e ouve-se a voz de Lorette que fala novamente: Para de choramingar, Marie-Jeanne.*

*Madeleine: Todos nós temos razões para choramingar, senão a gente não estava aqui.*

*Évariste: De todo modo, esse dominicano dirige como um louco. Ele vai nos matar antes mesmo que a gente chegue em Dajabón<sup>23</sup>.*

*Josephat: Olha o medroso gemendo de novo. “A gente vai morrer! A gente vai morrer!” Então Évariste, a morte não foi feita para os covardes!*

163

---

*Violetta: Não é por nada que este motorista é chamado de *La Volanta*.*

*Enzo Gabriel: Calem-se mierda, vocês vão atrair mau agouro para a caminhonete.*

*Romaine: O mau agouro não esperou a gente conversar para aparecer. Foi ele que trouxe a gente para essa merda azul onde talvez a gente morra.*

*Abruptamente, uma voz em espanhol pede silêncio.*

## **Cena 2**

*Gemidos e sussurros. De repente o motor enlouquecido da caminhonete para, cantando pneu e levantando uma nuvem de poeira. Uma enorme explosão acorda os passageiros entorpecidos e lhes dá permissão para gritar. Imediatamente, rezas, gritos, berros,*

---

<sup>23</sup> O município de Dajabón, na República Dominicana, localiza-se às margens do rio Dajabón, que faz fronteira com o Haiti.

*ladainhas e perjúrios surgem de todos os lados, se cruzam e inundam a lona azul em uma cacofonia dolorosa.*

“Jesus Maria e José!”

“Anmwe!”<sup>24</sup>

“A gente vai morrer!”

“Eu quero voltar para a minha terra!”

“Esse motorista quer nos matar!”

“Socorro!”

“Raios que o partam!”<sup>25</sup>

*Mauricio Rafael Perez (Fazendo a lona tremer. Barulho de alguém batendo na carroceria.): Calma, gente! Estourou um pneu. Só isso. Silêncio. Vocês estão loucos! SILÊNCIO.*

*Enzo Gabriel (se levanta e se joga no chão, socando-o): Mierda, mierda. Minha Carmencita está me esperando. Quando é que vamos chegar em Dajabón? Faz seis meses que os policiais me trouxeram para cá. Seis meses que tento voltar para lá para ficar com a minha família. O que aconteceu com a minha mulher e os meus três hijos?*

*Josaphat (num tom irônico): É louco este haitiano, ele se acha um dominicano só porque fala espanhol.*

*Romaine: Também, ele viveu lá por dez anos!*

*Madeleine: Deixe-o em paz, Josaphat. Eu sei o que é ter um amor do outro lado da fronteira. Eu conheço a dor da espera.*

*Madeleine se levanta e revive a cena de despedida com Charlot, seu marido.*

---

<sup>24</sup> *Anmwe*: “Socorro”, em crioulo haitiano.

<sup>25</sup> Em francês, “Foudre tonnerre”, literalmente, “atirar com violência trovão”.

*Madeleine (com uma voz grave):* Meu marido, meu homem, meu Charlot, você me ama loucamente, mas está me abandonando. Sua barraquinha de quinquilharias já era. Você não aguenta mais arrastá-la atrás de você como se fosse um pedaço de carne podre, suplicar às pessoas que comprem. Cinco *gourdes* pelo cadeado enferrujado, vinte *gourdes* pela chave de fendas, mas posso fazer por quinze. Você não sabia, quando partiu, que eu carregava na minha barriga o fruto do seu amor generoso.

*Madeleine fala com os outros passageiros, com todos os habitantes de Port-à-Piment:* Meu homem vai voltar, estou falando pra vocês. Ele não é como esses pais que partem para sempre. Charlot vai voltar e meus dois amores vão se reconhecer sem dizer nada. Eu vou ver os dois dançarem sob o azul do céu porque o amor não liga para fronteiras.

*Madeleine perambula com o seu filho, que segura sua mão. Eles percorrem as ruas da cidade batendo de porta em porta. Painel com as ruas de Port-à-Piment.*

*A criança:* “Você viu meu papai?”

165

*Madeleine:* Você viu meu homem, o belo Charlot, em Gurabo<sup>26</sup>?

*A criança:* Em Santiago?

*Madeleine:* Em Santo Domingo?

*A criança:* Em Dajabón?

*Madeleine fala com os buscones<sup>27</sup>, que reconhecemos pelas roupas caricatas da polícia (botas, capacetes, espingardas, grandes bigodes e pele morena):* São vocês que vieram importunar meu Charlot para levá-lo a Santo Domingo. Digam-me onde ele está. O que vocês fizeram com ele?

---

<sup>26</sup> Gurabo é uma parte da cidade de Santiago de los Caballeros, na República Dominicana.

<sup>27</sup> *Buscones*: guardas ou *passeurs* que controlam a fronteira e fazem com que pessoas passem do Haiti para a República Dominicana em condições nem sempre legais, em troca de dinheiro (informação fornecida por Évelyne Trouillot em e-mail a Ana Cláudia R. Ribeiro em 30 de maio de 2017).

*Madeleine percorre duas vezes a cidade inteira com o pequeno Léo.*

*Madeleine:* Estou com medo. Charlot teria escrito para mim se estivesse bem. Tantos e mais tantos desaparecidos nos acampamentos de trabalhadores<sup>28</sup>, nas colinas e nos campos! Das fazendas agrícolas de Navarette, da Villa Gonzales até o cruzamento de Botancillo. Quem tem coragem de começar a contar os mortos-vivos?

*A criança olha na direção da fronteira.*

*Madeleine:* Não, nós não vamos para lá. Eu não criei meu filho para servir de picadinho para os policiais dominicanos. Venha, meu filho. Vou te contar uma história. Quando você vir seu pai, você vai ter tantas coisas para dizer que o tempo vai passar mais devagar para que vocês possam se conhecer.

*Depois, de repente, Madeleine dá um grito horrível. Vemos o pequeno Léo se afastar pouco a pouco para trás e desaparecer.*

166

*Madeleine:* Charlot, nosso filho partiu. Uma semana de noites em claro e febre, e depois a meningite o levou. Apesar de todos os esforços dos doutores do Cap Haïtien para onde eu o levei com urgência. Ele simplesmente morreu e o sol não nasce mais. As pessoas me dizem que a vida é injusta: se ela é bela, a gente desconfia, se ela machuca, a gente a amaldiçoa. Porque ela nunca dá nada de graça a não ser que a gente torça o pescoço dela. Por essa eu não esperava. A loucura está batendo na minha porta, só você ainda pode afastá-la de mim.

*Madeleine se vira completamente para o leste.*

*Madeleine:* Estou indo te encontrar, Charlot. Com lágrimas nos olhos, estou deixando para trás o cadáver da minha criança, esse filho que você jamais conheceu. No cemitério de Port-à-Piment, nesta cidadezinha onde você e eu crescemos. E mesmo assim estou decidida a deixá-la para ir encontrá-lo,

---

<sup>28</sup> No original, *bateye*. Encontrados na República Dominicana e em Cuba, os *bateyes* são acampamentos precários que abrigam trabalhadores haitianos, em condições desumanas, daí a expressão *morts debout* para referir-se a eles, “mortos que ainda estão de pé”, ao final desta fala. Ver, por exemplo, <http://lenouvelliste.com/lenouvelliste/article/147613/Laviedansunbateydominicainen2015> (acesso em 18 de abril de 2017).

Charlot, meu homem, e trazê-lo de volta para casa. Deixei um morto no oeste, será que encontrarei outro no leste?

*Ronald, apoiado sobre seus cotovelos, afastou-se de Lorette: Como a Madeleine é forte! Arranhão ensanguentado com cheiro rouco de feridas recentes demais, cipó verde de repente curvado, mas que se ergue frente à desgraça. Eu me sinto tão fraco diante dela, tão covarde.*

*Madeleine (torna a deitar-se depois de ter falado): Não é a coragem que me faz agir. Eu não tenho outra escolha a não ser a verdade. Enfrento a minha dor com tudo o que me resta de puro. Estou pronta para aceitar a loucura, porque só ela pode me libertar.*

*A voz de Enzo Gabriel: Nada importa ahora. Nada.*

*Jean-Marie (voz fria e incisiva): Se vocês não fizerem esse idiota calar a boca, eu vou socar a cara dele.*

*Romaine: Você acha que pode assustar as pessoas, seu zenglendo disfarçado, seu lobo em pele de cordeiro<sup>29</sup>?*

*Ronald: Essa Romaine! Nada nem ninguém a assusta. Faísca intensa de energia, difícil de fixar num lugar. Eu me pergunto como ela consegue ficar imóvel e silenciosa durante tanto tempo nessa caminhonete desgraçada.*

*Enquanto Ronald fala e se levanta, o painel das ruas de Port-au-Prince se ilumina lentamente.*

---

<sup>29</sup> *zenglendo habillé*: Segundo a autora, “o termo *zenglendo* se refere a bandidos particularmente cruéis e violentos, que não apenas roubam, mas também matam. Vários *zenglendo* foram *tontons macoutes*, ou carrascos encarregados de executar os oponentes sob o regime de Duvalier. Eles foram muito ativos desde a partida de Jean-Claude Duvalier, por volta do final dos anos 1980, até os anos 1990. Um *zenglendo habillé* [“*zenglendo* vestido”] significa alguém que, vestido de ‘pessoa de bem’, tem um lado cruel, um celerado que não hesita em fazer mal.” (Informação fornecida em e-mail de Évelyne Trouillot a mim, em 14 de maio de 2017 em tradução minha.) Na nota que se encontra na tradução inglesa da peça, o tradutor, Robert H. McCormick Jr., explica que *zenglendo* deriva de *zenglens*, a polícia secreta de Faustino I do Haiti, general, presidente e imperador (1847- 1858). Cf. Trouillot, Évelyne, *Le Bleu de l’île* (*The Blue of the Island*), tradução de Robert H. McCormick Jr., em *Journal of Haitian Studies*, vol. 18, n. 2, Special Issue on Vodou and Créolité, Fall 2012, n. 4, p. 264.

*Ronald*: Eu me lembro da primeira vez que a gente se encontrou. Minha primeira viagem à capital. Eu ainda estava cheio de ilusões quando subi no ônibus. Depois que eu estudar mecânica, vou voltar para a cidade para colocar Man Étienne numa casa decente. Sem aluguéis nem fazendas. Sem angústias no final do mês, sem essa sensação de impotência perto de um proprietário arrogante e grosseiro.

*Ruídos ao fundo de uma estação de ônibus com as vozes dos passageiros e do motorista*: “Empurrem, tem espaço para todo mundo”, “Se quiserem chegar em Port-au-Prince antes de anoitecer andem logo.” *Romaine, que se levantou, fala com Ronald*.

*Romaine (sorri com ironia)*: Primeira vez na capital, gracinha? Cuidado, heim? A sua história está estampada na sua cara. Por acaso você não é o menino da Man Étienne? Foi ela que costurou meu vestido de primeira comunhão. Uma boa mulher, sua mãe.

*Romaine se acomoda toda segura de si em um banco perto de Ronald, esbarrando nele com um ar zombeteiro, mas cheio de sensualidade*.

168

*Romaine*: Tímido, gracinha? Fica comigo e eu te ensino como se comportar nessa cidade cheia de armadilhas. Port-au-Prince é um livro monstruoso com páginas soltas, faltando algumas partes e com enormes buracos abertos; mesmo quando a gente sabe ler a gente não se situa. A Rua dos Fronts-Fort, um ponto de bandidos. Na Grande-Rue, um carro pode te atropelar em frente à delegacia e um ladrão vai roubar seu dinheiro<sup>30</sup>, um outro, seus sapatos e sua calça, antes que um policial apareça. Na Lalue, ou avenida John Brown para os motoristas e estrangeiros, se estiver com pressa, nem coloque os pés em dias de aula – os pais vêm deixar suas meninhas com as freiras num desfile de carros climatizados. As longas tranças balançam da esquerda para a direita, da direita para a esquerda, os motoristas esperam. Aquelas que vão a pé esquivam-se rapidamente dos carros, orgulhosas por terem conseguido ingressar nessa grande escola. Pouco importa se elas são desprezadas pelos outros. Na viela Jardine, cuidado! É uma rua marcada, onde há décadas as autoridades eliminam impunemente os jovens militantes.

---

<sup>30</sup> No original, *tes gourdes*.

*Ronald:* Eu me apaixonei por ela antes que a gente chegasse à capital. Ela me hospedou no seu quarto-e-cozinha da rua das Casernas durante os três primeiros meses e me ensinou como satisfazer uma mulher. Eu teria comido nas mãos dela, a teria coberto de beijos e teria escrito longas cartas apaixonadas em um papel branco não quadriculado. Mas ela não acreditava...

*Romaine:* O amor é bom para as mocinhas. Eu era mulher antes mesmo de menstruar. Aos quinze anos, a vida já tinha me dado minha carteira de identidade. Eu não ia deixar de jeito nenhum que a vida me maltratasse mais do que isso. Os “me fala uma coisa romântica”, “diz que me ama”, “diz que vai ser fiel até a morte”, eu os coloco gentilmente numa prateleira e os olho bem de longe. Ronald não é ruim. Eu poderia ter me apegado a ele... mas ele teria se ressentido. Ele dizia amar meu jeito insolente, mas ele se casou com a doce e dócil Francine. Totalmente o contrário de mim.

*Ronald:* Ainda sonho com as suas pernas desacanhadas apertando minha cintura. Ah! Amo Francine, é a mãe do meu pequeno Roberto e da minha Amandine que está quase nascendo, mas Romaine é “a” mulher, a que poderia acalmar todas as minhas desordens e censurar minhas fraquezas, a que poderia me dar vontade de agarrar a vida pelo colarinho quando estiver ruim demais e abraçá-la quando estiver mansa. Ela não quis nada comigo.

169

---

*Romaine e Ronald trocam gestos de amor enquanto falam e depois Romaine afasta-se do rapaz.*

*Romaine:* Se você soubesse, querido, como eu quis poder amá-lo, como meu corpo vai sempre se lembrar do seu carinho, como às vezes sem que eu me dê conta, meu olhar se vira quando vê um ombro que se parece com o seu.

*Ronald:* Depois do amor, a sua voz ficava melancólica num emaranhado perturbador de cólera e prazer. Você logo levantava da cama para ficar distante de novo, o que reforçava seu papel de iniciadora cínica e desligada. Meus movimentos de ternura inacabados e mal percebidos invadiam meu corpo e meu pensamento.

*Romaine se afasta com desespero de Ronald.*

*Ronald*: A gente continuou a se ver quando eu mudei para Delmas com outros mecânicos. Eu ia te visitar pelo menos duas vezes por semana, às vezes mais. Um dia, não te encontrei no seu apartamento. Ninguém sabia onde você estava. Procurei por todos os lugares, como um louco, durante meses.

*Romaine*: Se você soubesse como, apesar de tudo, me doeu te abandonar! Eu queria e ainda quero me aconchegar em você e absorver a sua ternura com grandes goles. Mas não posso ser feliz por muito tempo. A amargura sempre me pega nas tripas para lembrar que a vida e eu temos contas para acertar.

*Romaine lança um último olhar triste para Ronald (com os olhos marejados e um gesto sutil na direção da sua barriga)*

*Romaine*: Você nunca vai saber o que quase ficou de você em mim.

### **Cena 3**

170

*Ao longe, escuta-se um galo cantar. Sob a lona azul, uma claridade mais viva se instala gradualmente. Os passageiros se agitam ainda mais. Alguns se espreguiçam, outros bocejam. Josaphat se levanta com seu chapéu de palha na cabeça e faz grandes movimentos com seu facão, que ele tirou de seu alforje. Seu rosto e seus gestos traduzem sua raiva. Os outros parecem se afastar dele e olham-no com pavor. Ele cospe sua repugnância e seu desprezo.*

*Josaphat*: Entregamos as armas sem dizer nada e agora só nos resta fugir, deixar nossa terra e correr para o desconhecido. Sabemos bem que no leste vão nos tratar como cães, mas nós todos vamos para lá. Eu garanto a vocês que eu não vou deixar que me tratem assim.

*Um campo de milho ao fundo sugere os trabalhos dos campos, as imagens de camponeses homens e mulheres.*

*A mulher de Josaphat (forte e vestida de branco, puxa o bastão com ele<sup>31</sup>, um gesto cheio de orgulho, de dor e de graça)*: Então, por que você está indo para lá, meu homem?

---

<sup>31</sup> “Puxa o bastão” traduz *tire le bâton*. *Tirer le bâton* (“puxar o bastão”) é um ritual praticado em algumas regiões do Haiti; o mesmo bastão também serve para brincar e para se defender (cf. nota 5 da tradução em inglês inglesa desta peça, citada na nota 17 da presente tradução).

Eu já estou morta e enterrada. Você já me vingou como devia matando a mulher do vizinho. Você mostrou sua força, mas eu estou morta e você não pode fazer nada.

*Josaphat:* Sim, você está morta, justo você, minha mulher, com quem cultivei a terra desde o amanhecer até o fim do dia. Eles te mataram por questões de loteamento e de bananas-da-terra roubadas. Nosso filho, o único dos nossos que podia sobreviver, escapar das mil doenças que matam as crianças dos pobres, eles transformaram em zumbi. A gente viu o menino, cinzento e sem alma, incapaz de pensar, de rir e de amar. Como uma planta que logo vai apodrecer – só de olhar já dá para saber que nenhum cuidado vai conseguir salvá-la. E você queria que eu guardasse meu facão frio e inútil embaixo do colchão!

*A mulher de Josaphat (movendo cheia de raiva o bastão):* Mas olha você aí obrigado a deixar o país para escapar da justiça!

*Josaphat (se esquivando do bastão com destreza, mas quase se desculpando):* Eu vou voltar assim que tudo estiver se acalmado. Velar sobre o seu túmulo e o do nosso filho. Eu vou voltar. Um homem não pode ficar se escondendo atrás das árvores do vizinho; a sombra delas não reconhece uma silhueta assim e mais cedo ou mais tarde elas acabam denunciando a gente. Eu vou voltar.

171

---

*A mulher de Josaphat (desaparecendo):* Volto pro meu túmulo, Josaphat. Espero ver você um dia, mas não tão cedo. Não venha perturbar meu sono, se você não souber com que pé toma o rumo para chegar à nossa casa.

*Os barulhos de fora se intensificam junto com os solavancos do veículo. Escutam-se várias vozes.*

*Romaine:* Esse Volanta vai moer nossas tripas.

*Madeleine:* Ele que me deixe descer daqui se quiser causar um acidente!

*Évariste:* Mulheres, suas bocas estão cheias de mau agouro. Calem-se!

*Escuta-se a voz de Edgar pela primeira vez.*

*Edgar*: Fifi, vem mais pra perto. Ajeita a sua barriga nas minhas costas para proteger a criança.

*Ele se levanta segurando a mão de sua mulher que estava até agora na sombra. Vê-se o casal avançar, mas, à medida que eles se aproximam da frente do palco, a distância entre eles aumenta. O painel das ruas da cidadezinha se ilumina.*

*Fifi (sua voz começa como um murmúrio, depois aumenta como uma torrente)*: Como é pesado carregar esse seu amor sufocante! Você, com quem decidi passar minha vida, como quando a gente escolhe a estrada mais reta por fraqueza, mesmo quando o coração se inclina para caminhos misteriosos e bosques cheirosos. Carrego minha afeição por você como quem carrega um fardo, porque eu só posso te mostrar a parte de mim que é lisa como a pedra e clara como a água do rio.

*Edgar (com o olhar virado para longe da jovem mulher)*: Eu sempre soube, mesmo no dia do nascimento da Christelle, que sua presença ao meu lado era apenas um parêntese na sua verdadeira vida. Que em pensamento você sempre escapava e que eu nunca poderia te alcançar! Às vezes você me tranquiliza com seu carinho apenas para ficar mais longe de mim. Por trás desse olhar sereno e calmo, você conserva as suas reservas de ebulição e tumulto. Eu teria dado minha vida para mergulhar nisso com você, mas seu sorriso tão cheio de afeto tornou-se uma barreira que me mantém à parte.

*Uma música de fanfarra enche o palco. O hino à bandeira. As ruas estreitas da Cidade do Cabo aparecem ao fundo. Fifi faz grandes gestos com os braços e finge soprar em um trompete (escutam-se os sons da fanfarra). Ela marcha. Entrementes, Edgar foi para um canto na sombra e Ronald se aproximou de sua irmã.*

*Fifi*: A cidade do Cap sempre me fascinou. Você se lembra, Ronald, quando a vimos pela primeira vez, no dia da bandeira? Eu nunca tinha visto casas tão altas e ruas tão estreitas. Me parecia ser um lugar mágico por onde o mar deslizava, fazendo a cidade balançar ao ritmo da água. Cada casa escondia seu mistério e sussurrava aos passantes histórias doces e antigas. Quando você partiu para a capital, eu voltei muitas vezes ao Cap. Assim, à toa. Eu não contava para mamãe, ela não ia entender. Parecia que eu estava à deriva e que nada fazia sentido. Assim que os pedidos de costura me rendiam algum

dinheiro, eu pegava o carro e passava horas no porto. Eu evitava a rua do tio Ferdinand, caso contrário ele me entregaria a mamãe. Eu levava comigo meu caderno de desenhos de moda, mas com o passar do tempo eu não conseguia mais desenhar modelos de roupas que ninguém jamais usaria. No final das contas, eu só sei costurar, executar os protótipos imaginados por outras pessoas. Eu aprendi, como mamãe, a seguir fielmente os modelos dos catálogos todos marcados que as clientes me traziam. Naquela época eu ainda tinha bastantes pedidos regulares, mas as clientes tornavam-se cada vez mais raras. Que costureira poderia concorrer com as roupas vindas dos Estados Unidos? Mesmo quando estão usadas, têm cheiro de dinheiro e um ar de outros lugares, de sociedades cheias de coisas para se comprar, são bem mais baratas e sempre bem melhores que as roupas das pessoas pobres costuradas sob medida. Um dia, olhando os barcos, eu rasguei este caderno que não servia mais para nada. Sim, eu menti para você dizendo que o tinha perdido.

*Ronald:* Todo mundo precisa de um espaço onde possa esconder suas dores mais profundas. É como se elas se tornassem mais vivas e desnudas quando a gente as expressa até o fim. Eu menti para você por razões bem piores, irmãzinha.

*Fifi dá um beijo suave no rosto do seu irmão.*

*Fifi:* Oh! Maninho, como é pesada a culpa que nasce na gente... Eu nunca te falei do Gérard, mesmo você sendo meu melhor amigo, além de ser meu irmão. O amigo que escolhi em torno da mesa familiar, na frente das carinhas travessas das gêmeas, por cima dos silêncios tristes de mamãe e da deserção do papai. Mas com que palavras eu ia te dizer o que não ousava contemplar no meu íntimo? Eu mesma evitei que nossos caminhos se cruzassem nessa época. É verdade que você sempre soube ler e adivinhar bem as coisas em mim. Mas a maior parte do tempo nós todos controlamos essa parte de nós mesmos que damos aos outros. Exceto quando a tristeza nos deixa diferentes e nos transformamos em feridas e lamentos. Foi o que aconteceu com mamãe. A morte das gêmeas estremeceu seu mundo de mulher piedosa, soberbamente impassível diante das mazelas da vida. Normalmente ela filtrava o que chegava até nós para deixar passar somente o que ela julgava capaz de nos tornar melhores e mais felizes: os momentos de alegria, a satisfação do trabalho realizado, sua fé em Deus. Ela protegia nossas emoções de toda dor excessiva... até que as gêmeas morreram, e o sofrimento dela chegou até nós, teimoso e brutal, sem prevenir nossos corações de crianças.

*Ronald*: Eu não posso guardar rancor contra ela, maninha. Hoje em dia que sou pai e que Francine está esperando a pequena Amandine nascer no mês de setembro, eu me pergunto como mamãe pôde sobreviver à morte das gêmeas.

*Fifi*: Eu não guardo rancor contra ninguém. Em algum lugar dentro do círculo em que a gente nasceu, escolhemos nossa vida. Eu quis escolher a minha, mas menti para mim mesma tantas vezes. Eu tenho tanto medo de fazer mal aos outros que acabo me machucando. Eu agradeço à mamãe por nos ter dado uma infância feliz... até a morte das gêmeas.

*Ronald*: É esta infância feliz que eu queria oferecer ao Roberto, à Amandine que está quase nascendo, à minha afilhada, sua filha Christelle, a esse bebê que você está carregando.

*Escutam-se vozes de crianças que brincam, os barulhos da máquina de Man Étienne. Em seguida, Edgar se levanta e pega a mão de Fifi. Eles cantam a marcha nupcial.*

*Ronald*: Mamãe estava tão contente de ver você casada! Eu também. Edgar é um bom rapaz e te ama loucamente. O único problema é o irmão dele, esse Jean-Marie com seus desejos de negro ostentação, pronto pra vender toda a família dele por um carrão e um relógio de ouro.

*Fifi*: Você se esqueceu da mulher de pele clara e cabelo comprido, para simbolizar que ele subiu na vida. Nós não temos sorte com nossos cunhados. Eu com Jean-Marie e você com Carlo...

*Ronald*: Não me fala desse cara! Eu sei que vamos precisar falar o nome dele um dia antes que esta maldita caminhonete nos leve para a morte, mas me dá um tempo. Me fala dos mistérios do Cap e das suas escapadas. Eu sinto que essa cidade está no coração dos segredos que vivem nos seus olhos.

*Fifi*: Já te aconteceu de você descobrir outra pessoa além de você nos seus gestos e nos seus pensamentos? Como se um estrangeiro tivesse tomado posse de você e você acompanhasse, a distância, um filme no qual você tivesse reconhecido o ator principal, sem saber o fim da história. Quando Gérard roçou ligeiramente

no meu braço naquela manhã, no porto, eu senti uma estrangeira dentro da minha pele. Eu não sabia que ela morava ali. Eu escutei ela acordar com movimentos langorosos e trêmulos. Senti um arrepio me percorrer até os dedos dos pés. Ele me olhava como se me esperasse no ponto final do meu desejo. Sem se apressar.

*Falando e gesticulando, Fifi imita o encontro com o homem de quem ela fala. Ouvem-se no fundo os sons de um culto. A voz estrondosa do pastor e as respostas entusiasmadas dos fiéis, pontuadas com imprecações: “Arrependam-se, o fim do mundo está próximo, vocês serão punidos se não seguirem a voz do Senhor!”*

*Fifi:* A gente se encontrava perto da catedral. Às vezes eu me ajoelhava lá dentro esperando a hora. Eu rezava. É verdade que não somos católicos, mas nessas horas isso não me parecia mais importante. Nunca um pecado tinha me parecido tão inevitável e tão leve. No domingo, eu acompanhava mamãe na missa. O pastor voltava infalivelmente a falar de adultério, fornicação, todas estas sujeiras das quais o corpo humano é capaz. Habitado pelo demônio. Mulheres e homens vinham às vezes testemunhar suas depravações. Eu baixava a cabeça para disfarçar esse prazer que molhava minhas lembranças. Eu fechava meus olhos para mergulhar nessas sensações que desafiavam qualquer absolvição. O fervor dos cânticos me embriagava completamente. Isso durou três meses e quatro dias. Depois ele foi embora. Uma semana depois, eu descobri que estava grávida.

*Ronald se aproxima de sua irmã. Juntos, eles fazem um círculo, depois param bruscamente e Ronald abraçado a jovem moça, coloca delicadamente uma mão na sua barriga.*

*Ronald:* Eu nunca suspeitei disso. Irmãzinha, você podia ter me falado.

*Fifi:* Naquela época, você e a Francine tentavam ter o segundo filho. Como te contar que eu tinha abortado um bebê que você teria amado como se fosse seu? E eu nunca poderia mentir para o Edgar e fazer com ele criasse a criança de outro. A verdade faria tão mal para ele!

*No silêncio que se segue, ouve-se a voz de Edgar sempre na sombra.*

*Edgar*: Eu imaginei, mas eu não tocaria neste assunto por nada neste mundo. E correr o risco de perder você? Pedir que você escolhesse entre esse homem que fazia seus olhos faiscarem e nosso amor confortável e tranquilo demais para competir com a atração do fogo?

*Fifi virada de propósito para Ronald*: Com seis semanas, foi fácil me livrar da carne, mas mais de dois anos depois, meu ventre lamenta o vazio. Cada abraço que dou na Christelle carrega a nostalgia desse bebê desconhecido. Esse que está em mim hoje é o do Edgar, é também minha maneira de dar ao meu corpo uma chance de fechar uma cicatriz.

*Ronald (de lado)*: Eu me sinto ainda mais culpado por esse erro que ainda não posso confessar a você de tanto que a vergonha enche minha boca de areia molhada. Você pegou a estrada com sua criança na barriga, seu marido a seu lado. Você deixou a pequena Christelle com a sua sogra e talvez eu pudesse ter evitado tudo isso! Irmãzinha, quando você souber a verdade poderá me perdoar?

*Fifi (apartada)*: Ronald nunca vai entender que nada teria me impedido de acompanhar Edgar. Não, porque, como diz o pastor da igreja de Deus, uma mulher deve acompanhar seu marido. *Ela se vira para Ronald*. Eu me pergunto o que teria acontecido com a gente se mamãe tivesse seguido papai quando ele nos abandonou. Eu vi de novo nosso pai, sabia? Mais uma coisa que eu não te contei. Ele apareceu um dia desses sem avisar, quando eu trabalhava naquela fábrica de maiôs no parque industrial, em Port-au-Prince. Deus sabe como ele me encontrou. Eu reconheci a voz dele quando ele falou meu nome. “Michelle”, ele disse, ele nunca tinha me chamado de Fifi. Ele sempre tinha que ser diferente dos outros. Por um segundo, eu pensei que ele estava de volta definitivamente, depois de todo esse tempo. Foi a primeira coisa que me veio ao espírito. Mamãe estava errada, ele não se esqueceu da gente. Depois, eu entendi olhando os olhos dele, que ele só estava de passagem. Ele ia partir para o noroeste ilegalmente, num barco com destino final Miami. De repente o mesmo teatro. Olhos enevoados e voz rouca. Para me dizer adeus. Me encarregar de mandar lembranças pra você, o único filho. Me contar o quanto ele tinha chorado ao saber das gêmeas. *Não é necessário dizer nada a Solange. Ela não vai entender*. Demorei um tempo para me dar conta que ele se referia a mamãe. Como se eu fosse confessar pra mamãe que o marido dela tinha dado sinal de vida depois de quinze anos só para anunciar que estava partindo definitivamente para Miami? Eu teria adorado não pensar mais neste grande

ausente. É impressionante como às vezes eu tenho vontade que ele me abrace e me jogue para cima como quando eu era menina. Eu fechava os lábios e os olhos, mas sentia meu coração aumentar para acolher o mundo inteiro, tudo o que tremia atrás das nuvens. Nunca gritava, mesmo quando ele me jogava bem forte e minha cabeça girava, porque eu não queria de modo algum que mamãe viesse me arrancar de seus braços.

*Ronald:* Pobre mamãe, ela desconfiava das gargalhadas do papai. Sem dúvida para ela eram bombas prestes a fazerem mal a suas crianças.

*Ouve-se um barulhão que faz tremer todos os passageiros. A gritaria recomeça. A caminhonete para com um movimento brusco que projeta os passageiros uns contra os outros.*

## ATO II

### Cena 1

*Depois desse barulho, faz-se um silêncio de chumbo. A cena ganha um tom cinzento. Pouco a pouco, ouvem-se vozes murmurantes quase inaudíveis. “Ele bateu num cabrito!” “Tem certeza? Fez tanto barulho!” “Que pesadelo!”. A cena torna-se cada vez mais cinza. Uma poeira fina parece cobrir todas as coisas.*

177

---

*Uma jovem mulher curvada vestida de cinza e com um lenço na cabeça avança lentamente. Ela sacode a cabeça da esquerda para a direita com um ar desesperado. Ela bate no peito e conta em voz alta. O quadro da cidadezinha ilumina-se durante toda essa cena.*

*Marie-Jeanne:* Um, dois, três. Eu deixei meus três filhotes em casa. Um, dois, três, Johnny, Charlemagne e Gabriel. A essa hora, cada um deles deve ter levado uma surra do pai. Minha sogra não vai poder protegê-los. Meu homem é mais amoroso com os sapatos que ele fabrica do que com nossos meninos. *De repente ela solta um grito e sai correndo:* Deixem-me descer para eu ir encontrá-los!

*Romaine levanta-se num pulo e a segura pela cintura com os dois braços.*

*Romaine:* Acalme-se Jeanne, minha flor, acalme-se.

*Marie-Jeanne*: Me larga, Romaine, você com seu cheiro de mulher que sobe à cabeça dos homens, jovens e velhos, meninos ajuizados ou malandros de carteirinha. Nenhum escapa. Todos querem respirar seu cheiro de mulher. Já eu, que vendo carvão há muito tempo, mesmo me lavando com sabonete Camay de pêssego, continuo com o fedor da fumaça cinza na minha pele e nos meus cabelos. Ele dá aos meus dedos cor de cinzas sujas. Meus filhotes, coitadinhos, herdaram, não sei como, o mesmo cheiro e a poeira. Não me diga que você não percebeu os cabelos deles sempre cobertos de cinzas, a epiderme pálida e os olhos acinzentados. Por hábito ou por princípio, o pai deles fica violento assim que os vê.

*Romaine*: Bate neles porque é mais fácil descontar a raiva nos mais fracos. Não é culpa de vocês se os sapatos de segunda mão vindos da Grande América invadiram as calçadas.

*Marie-Jeanne*: Quase ninguém mais encomenda sapatos dele. Antes, na nossa casa, o cheiro do couro e da cola de sapateiro dominava e conseguia sobrepor-se ao do carvão. As crianças se divertiam com as tirinhas que sobravam. Johnny, o mais velho, tinha se acostumado a deitar segurando um pedacinho de couro com a mãozinha. Enquanto dormia, ele o aproximava de suas bochechas e suas narinas se agitavam de felicidade.

*Marie Jeanne leva um susto como se fosse apanhar, tropeça, protege o rosto com a mão e com os braços. Faz o gesto de colocar as crianças atrás de si.*

*Romaine*: Eu sei, todo mundo sabe que ele também bate em você às vezes. Quando volta do serviço perto da velha capela, de bolsos vazios e punhos cerrados. Irritado e execrável.

*Ouvem-se gritos de crianças que choram, gemidos e a voz do pai, forte e cheia de raiva, dando bronca: "Bando de malcriados! Eu vou estropiar vocês! Só a mãe de vocês pra tolerar isso!" "Parem com essa frescura, é bom vocês se acostumarem a apanhar, a vida não é fácil!"*

*Marie-Jeanne (abaixando a cabeça)*: Tenho vergonha de deixar meus filhos à mercê dele, mas eu precisava fazer alguma coisa. Não posso ficar esperando que o

Francis recupere sua clientela. As ruas se enchem cada dia mais de sapatos de segunda mão, de todas as cores, todos os tamanhos, todos os estilos. Escarpins de couro, sandálias de plástico brilhantes como bolas de natal, botas militares cheias de cadarços, calçados esportivos, tênis Adidas e não sei mais o quê. Por volta de setembro, na volta às aulas, nenhuma encomenda de um bom par resistente, preto, com cadarços. Não, os pais compram sapatos usados com nomes estranhos que vêm direto dos depósitos de doações de Miami ou New York.

*Romaine:* E por acaso isso dá a ele o direito de bater em você ou de agredir as crianças, Marie-Jeanne? Você não tem que se justificar.

*Marie-Jeanne:* Eu deixei meus filhotes recomendando a eles que ficassem o mais silenciosos que pudessem, que não contrariassem o pai, que não tossissem, que não sorrissem muito frequentemente, nem por muito tempo. Tudo o exaspera. Ele queria que eu ficasse para cuidar das crianças, mas ele não queria ir embora. Ele queria sua vida tal como era antes, quando toda a cidadezinha se calçava com os sapatos dele, quando as encomendas se amontoavam na oficina, quando empregava aprendizes para ajudá-lo. Ele não queria que eu partisse, assim como não queria que eu vendesse carvão. Como se eu tivesse escolha!

179

---

*Romaine:* Não se sinta culpada! Ele não tem o direito de transformar você e as crianças em saco de pancadas para compensar suas frustrações de sapateiro eternamente desempregado.

*Marie-Jeanne (como que para convencer a si mesma, mas lágrimas escorrem de seus olhos):* Eu vou voltar assim que tiver juntado uma pequena quantia, o suficiente para mudar de casa. Nós somos cinco num único cômodo. As paredes sujas estão despencando em cima de mim. Eu vou voltar com dólares suficientes para abrir um pequeno comércio de produtos alimentares. Vou mandar dinheiro para as crianças, para a mãe de Francis, para que ela cuide deles neste meio tempo.

*Romaine:* Desde que seu homem não transforme o que você mandar em rum ou *petit trempé*...<sup>32</sup> A gente sabe que ele volta bêbado, que os poucos trocados que

---

<sup>32</sup> *petit trempé*: termo crioulo para uma bebida composta de rum ou *clairin*, no qual se deixam infusos por bastante tempo extratos de plantas, cascas, raízes ou flores (cf. nota 6 da tradução em inglês já citada, p. 53).

ele ganha consertando as solas velhas ele gasta com o vendedor de tafiá<sup>33</sup> e volta para a sua casa com o bafo empestado, os punhos prontos para bater e a boca cheia de insultos. Todo mundo sabe.

*Marie-Jeanne se levanta de súbito e invectiva Romaine.*

*Marie-Jeanne:* Sim, eu sei que vocês sabem que ele me bate e que meus três meninos e eu apanhamos quando Francis se enfurece. Um, dois, três, uma bofetada pelo conserto que não foi solicitado há três semanas, uma bordoadada pela nova comerciante de sapatos de segunda mão que se instalou a duas esquinas de sua barraca, um tapa para este sentimento de impotência que deixa meus olhos vermelhos, três bordoadas pela minha incapacidade de despertar seu desejo. Sim, vocês sabiam que há cinco anos ele só me toca se for para me ferir com socos, para me ferir com insultos e humilhações? Nós não fazemos mais amor porque esta palavra não tem mais sentido. Todos vocês sabem que meus olhos baixos escondem minhas cicatrizes, que meus passos lentos escondem a minha vontade de fugir. Mas vocês não dizem nada, vocês nunca disseram nada.

180

*Ouvem-se as vozes dos passageiros como murmúrios, como discussões cochichadas “Em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher!” “Crianças, sacos de pancadas? Isso não é normal!”, “Uma bordoadada, um tapa nunca mataram ninguém.” “Bater em mulher ainda vai, mas bater na mãe de seus filhos é inadmissível!”.*

*Neste meio tempo, Marie-Jeanne se recompõe e volta ao seu lugar, encolhendo-se no chão. A voz de Évariste aumenta enquanto ele avança.*

*Évariste:* Meu pai jamais levantou um dedinho sequer contra quem quer que fosse. Ele passou a vida respeitando as pessoas e ganhou o que com isso? Aqui estou eu, seu filho único, obrigado a ir para a República vizinha. Seu salão de cabeleireiro não aguentou.

*Ronald (continua sentado de pernas cruzadas):* Ah! Pare de se lamentar, Évariste! Você seguiu os rastros de seu pai por dever, ou melhor, por simples reflexo de proprietário, mas você nunca entendeu o talento do Mario.

---

<sup>33</sup> Rum de qualidade duvidosa e consumido antes que ele seja envelhecido.

*Évariste:* Vocês queriam que eu deixasse vocês acumularem dívidas, que eu cortasse o cabelo de vocês por amor, sem receber o que me era devido? Vocês põem discos de Tino Rossi para tocar enquanto cortam os cabelos. Eu não herdei a inocência do meu pai.

*Ronald:* Não estraga as minhas lembranças. Eu me lembro da minha primeira visita ao *Chez Mario*. Eu voltei ao salão um monte de vezes porque seu pai era muito mais que um barbeiro. Todos os homens da cidadezinha apreciavam o poder da mão segura dele. Ombros e golas contavam suas tristezas do dia ao Mario. As brigas com a mulher por umas ninharias que, nos dias de pagamento, fazem os dedos subirem ao longo das pernas num gesto sensual, mas se transformam em um “sai daqui!” quando os bolsos estão vazios. O fracasso escolar do filho mais velho, tão parecido com o do próprio pai, que acaba batendo no menino e à noite se dá conta da sua crueldade e da sua solidão. As humilhações engolidas porque os filhos têm que comer e ir à escola, as injustiças que fazem a gente se sentir impotente e que pesam um pouco mais a cada dia. Mario passava sua mão e os cabelos cortados lhe contavam as histórias e os combates a cada dia mais duros. Desde a morte do velho cabeleireiro, *Chez Mario* não é mais que um salão frio onde tesouras experientes e desdenhosas não se demoram nas melancolias dos outros.

*Évariste:* Meu pai me ensinou a técnica. Eu sei cortar cabelo tão bem quanto ele. Aliás, eu tenho certeza que em Santo Domingo eles reconhecerão meu talento. Não se esqueça de que foi lá que eu passei uma temporada, há três anos, para fazer um curso de *hair design*. (*O inglês é pronunciado com ostentação*)

*Ronald:* Como esquecer isso? Você aparava, cortava e penteava pensando em Santo Domingo. Tanto faz se fala em voz alta ou se fala baixinho, a *ciudad* emana de todos os seus poros e se estende ao seu redor em extenuantes melopeias.

*Évariste:* Sim, eu ardo de desejo de voltar para lá. Minha estadia de dois meses permanece na minha memória como fogos de artifício vermelhos e dolorosos; eu tenho que soltá-los mais uma vez na minha carne para me libertar deles.

*Ronald:* Você decidiu esquecer as matracas, os ataques e os acampamentos de trabalhadores<sup>34</sup>, você só pensa na *ciudad*, no asfalto e nos hotéis, nas praças públicas e nas avenidas, nos postes e nas calçadas. Esse cheiro de creme de barbear calmante e purificador que Mario carregava com ele partiu com o velho barbeiro. Você não conseguiu criar o seu. Seus olhares atormentados e amargos se voltam para o leste há tanto tempo que você esqueceu onde o sol se põe.

*Évariste:* Todos vocês me criticam. Mas quem está comigo dentro dessa desgraça de caminhonete? Quem como eu, encontrou os *buscones*<sup>35</sup> para negociar a passagem clandestina? Quem não ficou tentado a ir procurar uma vida melhor no leste da ilha? Eu não estou sozinho dentro desse veículo.

*Ronald:* Você tem razão. Você não está sozinho. Sabe que a cada quilômetro que a gente anda eu sinto o meu coração se contrair em uma bola dolorosa, como um abscesso condenado a doer porque ele nunca poderá ser supurado?

*Évariste:* Eu estou abandonando este país como quem fecha uma ferida aberta e mal cheirosa demais.

182

*Ronald:* Raios o partam! Cala a boca, Évariste! Eu vou te contar uma coisa sem esperar que você entenda, porque eu nem sempre entendo. Em Port-au-Prince, eu trabalhei durante dois meses no aeroporto internacional para limpar os mictórios e os banheiros, passar o esfregão e lavar as pias dentro dos toaletes do salão de embarque. Eu invejava os viajantes com serenidade, sem rancor, persuadindo-me que um dia eu partiria também. *Don't worry be happy. Life is beautiful.* Eu tinha juntado palavras suficientes em inglês para ter a impressão de que eu fazia parte da Grande América.

*Enquanto Ronald fala, todos os outros passageiros se reúnem em torno dele formando uma roda para ouvi-lo, sentados com as pernas cruzadas.*

*Ronald:* Estar tão perto dos aviões, da pista que os levava para longe, me tranquilizava sobre meu destino. Uma manhã, enquanto eu pegava cuidadosamente os pedaços de papel deixados no chão, eu flagrei um homem que enxugava disfarçadamente os olhos em frente às pias. Eu tinha escutado

---

<sup>34</sup> No original, *bateyes* (ver nota 27).

<sup>35</sup> Ver nota 26.

histórias de documentos falsos, passaportes falsificados, de mulheres grávidas ansiosas para dar a luz nos Estados Unidos a um pequeno americano – eu tinha visto muitos passageiros. Mas eu nunca tinha visto um homem chorar. Sem dúvida era alguém que estava deixando a mulher e os filhos, uma velha mãe ou um pai querido. Os olhos do homem encontraram os meus por cima do cabo do esfregão.

*Ronald faz a voz do homem, ele fala como uma gravação.*

“Faz cinco anos que eu espero para ir embora. Eu gastei tanto dinheiro com este visto, eu investi tudo para poder partir. Mas chegou enfim! É hoje! Daqui a quatro horas eu estarei na cidade de New York. Faz cinco anos que eu sonho com isso... Não, não me felicite. Eu estou mal. Eu deveria estar contente hoje, mas eu estou mal. Você é jovem, meu rapaz. Um dia talvez você entenda. É como uma mulher que você tem, você não consegue se entender com ela, ela te faz sofrer de todos os jeitos. *Ao fundo, escuta-se uma canção de TiCorn*<sup>36</sup>. Então você decide romper. Você diz a ela: “Está tudo acabado entre nós”. E você fica infeliz, tão infeliz que não desejaria nada a não ser revê-la mais uma vez, passar a mão nos cabelos dela, acariciar seus lábios e, em prantos, fazer amor com ela. É assim que eu me sinto hoje. Eu sei que não vou poder voltar, tenho só um visto de turista válido por três meses. A menos que os americanos me impeçam, eu sei que não voltarei tão cedo, pode até ser que eu morra com os brancos e isso dói. Estou mal por ter que partir nessas condições. Ah! No fundo eu estou contente, eu vou poder ajudar minha mãe e minha família. Além do mais, eu sei que há milhares de pessoas que gostariam de estar no meu lugar, mas... Você conhece a música *Ma prale* “*Je m’en vais*”?<sup>37</sup>

*Escuta-se a canção cada vez mais forte.*

*Ronald (continua em voz em off cheia de lágrimas reprimidas): “Esqueci o nome da cantora. Escute esta canção, é triste e bela, uma aflição sem solução, uma ferida sem remédio. Escute, se você tiver tempo.”*

---

<sup>36</sup> Cornelia Schütt nasceu em 1953 na Alemanha mas, quando ela tinha dois meses, seus pais se mudaram para o Cabo Haitiano, onde ela viveu e alcançou notoriedade como compositora e intérprete, tendo gravado vários discos. Em criança, ela recebeu o apelido TiCorn (Petite Cornelia) de sua babá, Anna Colo. Mais informações em seu site [ticorn.com](http://ticorn.com).

<sup>37</sup> A música e a letra de *Ma prale* ou *Je m’en vais* (“Estou indo embora”) são de autoria de Jean-Claude Martineau, conhecido como Koralen.

*Ao fundo a canção continua.*

*Ronald (continua com sua própria voz, se balança como se ele voltasse de um sonho):* Eu achei o homem um pouco bizarro. Depois, um dia na Grand-Rue, um vendedor ambulante de músicas encontrou para mim esta música da cantora Ti Corn, *Ma prale*. No meio da desordem cacofônica do Boulevard Jean-Jacques Dessalines, ao lado dos detritos transbordantes dos esgotos cheios, na frente do empurra-empurra de homens e mulheres indo na direção de uma caminhonete já lotada, eu, Ronald, ainda assim decidido a deixar o país a qualquer custo, senti meus olhos marejarem. Naquele momento, eu achei que tinha compreendido a nostalgia doce-amarga da canção. Hoje, deitado embaixo dessa lona azul cada vez mais quente sob o sol que começa a nascer, eu sei que mal tinha penetrado na angústia dessa canção. Estou indo embora sem saber se eu poderei voltar. As manhãs de leve alvorecer voam para longe sob as rodas insanas da caminhonete, *Ma prale*, as estrelas de dezembro, poeiras de sonhos num céu escuro, se espalham.

*Os outros continuam em uma longa e triste alternância, sem cobrir totalmente a voz da cantora.*

184

*Romaine:* O barulho das folhas na umidade de uma manhã chuvosa se decompõe.

*Fifi:* *Ma prale*, os pés, que saltam de uma rocha para outra sem poder evitar o frescor da névoa da noite, não deixam mais pegadas.

*Lorette:* Eu abandono para sempre a doçura do vento que sopra ao amanhecer para me dar bom dia antes de todo mundo.

*Josaphat:* O sorriso generoso de um desconhecido ao pé da colina e seus dentes brancos na polpa amarela da manga recém-colhida se apagam. *Ma prale*.

*Madeleine:* Olho pela última vez os flamboaiãs em flor.

*Ronald:* *Ma prale*. Eu te saúdo, ó meu país, amor impossível de viver que me corrói as entranhas.

## Cena 2

*A cena muda bruscamente. A música para. A atmosfera doce e nostálgica é brutalmente substituída pelo caos, pelo barulho e pelos gritos. Os passageiros retomam seus lugares. Ouvem-se imprecações em espanhol e em crioulo. A caminhonete dobra a velocidade e de repente a paisagem passa em um ritmo infernal, traduzido pela poeira que voa por todo lado. A voz de Enzo Gabriel rimbomba.*

*Enzo Gabriel: Madre. Mis hijos y Carmencita. Eu não quero morrer sem revê-los. Faz seis meses que deixei minha mulher e meus filhos lá. Depois de quinze anos na parte leste da ilha, eu não poderia esperar ser deportado assim de um lugar onde tenho a minha casa, gado, campos onde as espigas de milho, apesar de tudo, têm a cor das pequenas alegrias. Lá, onde minha Carmencita e nossos três hijos, Pedro, Felipe e José Gonzalez esperam meu retorno. Com apenas um ano de idade, o pequeno José Gonzalez fala “papai” quando volto dos campos, Felipe tem três anos e fala espanhol como eu jamais falarei, e Pedro, que acaba de completar seis anos, deve começar a *escuela* em setembro. Eu tenho que ir para lá agora, para preparar a volta às aulas. Minha Carmencita deve estar começando a se preocupar, ela que quer a todo custo ter uma filha, uma *muñeca* bonita assim como ela. Já escolhemos o nome: Rose Isabela. Se eu não puder revê-los, que eu morra já. *No importa. Nada importa ahora.**

*Romaine: “Pas de nouvelles, bonnes nouvelles” (“Não ter notícias é uma boa notícia”), dizem. Palavras do dicionário francês para aqueles que acreditam nas histórias de alfabetos e provérbios. Vá dizer isto a Enzo que não tem nenhuma notícia de sua mulher e de seus filhos. Todos os repatriados sabem que a ausência de notícias significa frequentemente o desaparecimento em um campo de refugiados, uma partida inesperada, uma separação sem cerimônia de adeus. “Pas de nouvelles, bonnes nouvelles”. Para nós, todas as novidades tendem a ser trágicas. Estes novos meios de comunicação rápidos e instantâneos, a internet na esquina, esses cybers cafés com seus telefonemas baratos só servem para comunicar urgências. Dos funerais da velha avó à primeira comunhão da irmã mais nova, as novidades que desembocam num pedido de ajuda financeira correm pelas ondas, sem preocupação com as boas maneiras, e a gente desliga apaziguado ou decepcionado.*

*Romaine, com uma voz frágil e aguda.*

*Romaine*: “Sim, minha tia. Eu soube do onze de setembro. É terrível. Eles mostraram na televisão as torres que caíam. Isso não é nada bom. Você não sofreu nada, então? Graças a Deus! A gente ficou com medo quando soube que estes prédios ficavam em Manhattan. Afinal, o que seria de nós sem você? Quem mais faria essas transferenciazinhas no fim do mês? A gente ficou com medo, sabia? Felizmente você estava de folga nesse dia! Estes malditos terroristas queriam nos criar problemas!” *Romaine encolhe os ombros para dizer mais uma vez o ditado: “Pas de nouvelles, bonnes nouvelles”.* Ela se dirige ao público. Alguns repatriados são incapazes de retomar o fio da vida que foi dada a eles – é tanto nó espalhado que não dá mais para costurar. As informações não chegam até a fronteira.

*Madeleine*: Você, Enzo, querendo enviar as informações para lá, e eu que adoraria as receber aqui... Estamos em dois extremos de um silêncio mortífero.

*Jean-Marie começa, de repente, a rir desdenhosamente e se afasta dos outros com gestos violentos.*

186

*Jean-Marie*: Vocês me pentelham com essa choradeira. Quiseram partir e agora se comportam como crianças que mudam de opinião sem nenhum motivo.

*Edgar se precipita em direção ao seu jovem irmão e tenta trazê-lo para perto dele, mas Jean-Marie o afasta.*

*Edgar*: Antes que a gente partisse, mamãe me pediu para cuidar de você.

*Jean-Marie (ri debochadamente e olha seu irmão com desprezo)*: Você cuidar de mim, você que não consegue controlar nem a sua própria mulher, você que vai atrás dela como um cãozinho adestrado!

*Edgar (repentinamente furioso e decidido a calar seu irmão)*: Não fala da minha mulher, eu te proíbo. Seu delinquente! Sim, a mamãe me pediu para cuidar de você. Ah, ela sabe bem que você não precisa nem um pouco de mim para resolver suas falcatruas, como não depende de mim para organizar bandidagens, violações e infrações de todos os tipos. Mamãe fica com os olhos

cheios de lágrimas quando pensa nisso.

*Jean-Marie (zombeteiro, imita a voz de seu irmão):* “Mamãe fica com os olhos cheios de lágrimas quando pensa nisso.” Então, me diga como ela se sente quando ela vê você, o primogênito, ficar a cada dia mais desbotado! De você só ficaram vestígios, como um daqueles textos que o professor de francês da sexta série escrevia no quadro negro e que o professor de matemática apagava assim que chegava, com ar de superioridade. Você está apagado, meu irmão, eliminado do quadro em Port-au-Prince, onde você tenta fingir que é pedreiro e só arruma trabalhos precários, com a sua mulher que te tolera e que você não pode satisfazer, nem mesmo nessa caminhonete onde você se esconde atrás do papel de marido protetor.

*Edgar:* Fica quieto! Você nunca vai saber nada sobre o amor, a necessidade de respirar o mesmo ar que a outra pessoa, a necessidade de ser o ar que a outra pessoa respira. Se transformar numa simples folha, uma poeira ínfima para nunca mais se afastar dela, grudar na carne dela. Você nunca vai saber.

*Jean-Marie:* Não, eu nunca vou saber e não estou nem um pouco preocupado com isso. Eu recuso as vidas insípidas de vocês, essa dignidade e essa honestidade colada na pele de vocês e que só serve para ir muito cedo pro caixão, pobres como Jó. Eu tentei agradar a mamãe, frequentar as aulas nas salas cheias de alunos tão abusados quanto eu e a única coisa que eu consegui foi um fracasso atrás de outro fracasso. Em seguida, ela insistiu para que eu me inscrevesse em uma escola de informática do Cap.

187

---

*Edgar:* Você desistiu três meses antes do final do ciclo. Você voltou com um anel de ouro e um relógio de pulso de origem duvidosa. Foi aí que você conheceu seus novos amigos de cara sinistra?

*Jean-Marie:* Essa estadia no Cap me rendeu bons negócios. Mas você não sabe de nada, com este mau agouro que não te leva a lugar nenhum. Até parece que eu ia lutar contra a vida com as armas erradas que a mamãe e você escolheram: o trabalho honesto e duro que não rende nada. Pra que ficar juntando certificados de escolas medíocres, morrer de trabalhar para um patrão injusto, se é preciso tão pouco para a gente conseguir um maço gordo de notas verdinhas?

*Edgar*: Tão pouco, você diz? Você deixa a mamãe, a minha mulher e toda a nossa família com medo. Toda a cidade está a par das suas histórias sujas e a gente tem medo de você. Vergonha e medo de você.

*Jean-Marie*: Em todo caso, antes de chegar aos vinte e cinco anos, portanto daqui a menos de três anos, eu terei um carro, um celular e uma bela mulher. O carro, obrigatoriamente um jeep com tração nas quatro rodas. Com as estradas do país em mau estado, um carro pequeno não adianta nada. Um celular, porque só os miseráveis não têm celular agora. Senão, como é que a gente se comunica? E a mulher, uma bonita, de pele clara com os cabelos mais longos que puder. Não esses cabelos falsos que vendem por peça, cabelo de verdade. Com dinheiro a gente compra tudo. Eu prometo que compro uma casa quando fizer trinta anos. Uma casa grande com piscina, varanda e jardim, e ar condicionado em todos os quartos; em Port-au-Prince, claro. Está fora de questão eu me enterrar nesse fim de mundo!

*Edgar*: Eu não sei por que mamãe quis tanto que você viesse conosco. Como se a terra dominicana tivesse poder de redenção ou de expiação!

188

*Jean-Marie*: Oh! Eu não me queixo. É uma oportunidade, para mim, de fazer contatos do outro lado da ilha. Assim, eu vou poder organizar meu próprio tráfico e não vou depender mais dos outros.

*Ronald (que se levanta e empurra duramente Jean-Marie)*: Diga a ele para ficar quieto ou eu arrebento a cara dele. Esse tipo me dá asco. Lembre-se da sua mãe, coitada, seu vagabundo. Ela vai acabar morrendo de desgosto.

*Jean-Marie*: Como a sua.

*Ronald se lança em direção a Jean-Marie e é contido por Fifi que o abraça na cintura. Edgar e Jean-Marie voltam para a sombra.*

*Fifi*: Deixa ele falar, irmãozinho. Ele não vale nada. Levou traficantes em casa duas vezes. Eu falei pra ele nunca mais fazer isso de novo.

*Ronald*: Você devia ter me falado. Como é que eu posso proteger vocês se você

esconde coisas de mim?

*Fifi:* Dá pra ver que você nasceu em janeiro: os capricornianos pensam que podem controlar tudo.

*Ronald:* Ah! Eu sei que muitas vezes a fome nos impõe suas vontades e que a gente tem que calar nossos gostos e sufocar nossos desejos. Eu detesto alvenaria, e mesmo assim tive que aceitar trabalhar numa construção com o Edgar em Cap-Haïtien. É lá que eu recebi a notícia da morte de Man Étienne. Você tinha enviado um vizinho para avisar que a mãe estava pior. Entendi na hora. Estar pior, na nossa língua, sempre quis dizer morte. “Estou mais ou menos” dizia mamãe em outra época como se ela não ousasse muito chegar e dizer com coragem que estava bem, assim como diante das calamidades é preciso usar de prudência, não as desafiar abertamente, mas fazer malabarismos, driblar até o fim, estar pior ao invés de morrer. Faz três anos que ela morreu e ainda não consigo pensar nela sem essa impressão de salto no abismo, sem nenhuma parede onde pendurar meu chamado sem resposta. Às vezes me vem ainda essa vontade surpreendente, que chega de forma espontânea e natural, de correr para Man Étienne pra contar esses pequenos incidentes bobos e simpáticos que só têm sentido por causa dos laços que eles criam entre os seres. No meio do caminho, o pensamento se paralisa e a constatação da ausência demole os impulsos. A mamãe não está mais aqui para escutar. Como se acostumar com o nada?

189

*Fifi está revoltada. Sente-se que ela quer levantar a moral de Ronald.*

*Fifi:* Em vez disso, pense nessa oficina que você quer abrir quando voltar da República vizinha. Me diga mais uma vez que nome você vai dar a ela.

*Ronald olha para sua irmã, depois sorri com indulgência e começa, com um tom zombeteiro como se ele contasse uma fábula. À medida que ele conta, seu tom vai se tornando mais sério.*

*Ronald:* Eu vou abrir a oficina pertinho da praça e vou chamá-la de “Oficina Étienne e companhia”. Francine me aconselhou a acrescentar “Com a graça de Deus”, para atrair a benção divina. Eu não digo “não”. A gente precisa ter a sorte do nosso lado. Vou pintá-la com uma linda cor verde e vou escrever as

letras com branco em memória das gêmeas, como os vestidos com que estavam vestidas no dia do funeral delas. Sim, vou acrescentar “Com a graça de Deus” para agradar a Francine e ao Bom Deus. *Ele para, pensativo.* Mas a loja de ferragens do chefe Wilfrid se chamava “Loja de ferragens Deus é Grande” e todo cliente que entrava lá tinha que escutar chefe Wilfrid pregar as palavras do Senhor. “Arrependam-se antes do julgamento final. Escutem a palavra do Evangelho antes que seja tarde demais, meus irmãos.” Quando a loja de ferragens pegou fogo numa noite de julho do ano passado, todos nós ajudamos Wilfrid a apagar o incêndio, mas não sobrou muita coisa da alvenaria bruta. Toda a mercadoria foi reduzida a fragmentos torcidos de borracha e de metal ainda quente, uma torção sinistra de cabos e fios elétricos calcinados. “Deus é grande” murmurava chefe Wilfrid, mas a gente via que ele dizia isso mais por reflexo, com sombras novas nos olhos.

*Fifi:* “Oficina Étienne e companhia com a graça de Deus”, já que a Francine quer. Soa bem, como se fosse alguma coisa importante e séria. Você vai ver, você vai conseguir.

190

*Ronald:* Eu estava quase conseguindo realizar meu sonho e esse Carlo estragou tudo. Não tem jeito, eu tenho que me resignar a dizer o nome dele, irmãzinha. Ele me machucou tanto! Eu sofro por não poder confiar como antes. Eu vejo de novo o sorriso dele quando a gente jogava dominó. Vejo de novo ele todo emocionado vendo Roberto dizer suas primeiras palavras. Ainda sinto o calor rude da mão dele segurando a manivela para me ajudar a consertar uma coisa particularmente difícil. Ele renegou tudo, levou tudo, minha confiança e nossos fundos de comércio, vendeu nossas ferramentas, as peças sobressalentes, para ir embora para Miami. Me deixou com as dívidas e a vergonha de ser aquele que foi enganado. *Ronald seca discretamente os olhos antes de continuar.* Eu sempre soube que o Carlo queria ir embora para Miami, mas eu não consigo determinar em que momento a balança pesou contra mim, contra a família e a amizade. *Ele acrescenta à parte:* Eu também caí. Traí minha família, o cadáver da minha mãe e a confiança da minha irmã que cresceu comigo. Eu também traí a minha Francine que eu jurei proteger. Tenho o direito de julgar? *Ele continua, agora para Fifi:* A Francine não fala mais o nome do irmão dela, mas ele surge entre a gente como um refluxo ácido. Como um vazamento no nível do coração, uma amizade que gota a gota vai se desagregando de um jeito terrível e lancinante.

*Fifi:* Você vai reconstruir a sua oficina. Tenho certeza.

*Ronald:* Preciso. O essencial é começar, qualquer sacrifício vai valer a pena. Como esse de ficar olhando durante horas essa porcaria de lona azul que dá vontade de rasgar com socos para descobrir o verdadeiro azul do céu. É claro que as pessoas parecem diferentes, a língua é desconhecida, mas ainda é o mesmo céu, o mesmo azul. O azul da ilha.

*Fifi (continua na mesma sequência que seu irmão e no mesmo tom, às vezes triste e às vezes cheio de luz):* Não esse azul índigo anêmico e sujo que ficou muito tempo mergulhado na água e descolorido de um jeito desigual, mas o verdadeiro, aquele que faz meu coração vibrar. De manhã. Sem razão nenhuma. Daqui a algumas horinhas isso vai acabar e a gente vai poder ver ele. Esfregar nossos olhos à luz do dia. Rever o azul da ilha.

### Cena 3

*A voz de Violetta estala como um chicote.*

*Violetta:* Eu sabia que essa Daihatsu<sup>38</sup> ia dar azar, com essa cor amarela de cocô de jaco<sup>39</sup>, uma cor em que a gente não pode confiar de jeito nenhum, uma cor de perfídia crua e dura. Não adianta fingir que não está me vendo, Ronald. Você sabe que eu estou aqui, não me ignore.

191

*Ainda não vemos Violetta, só ouvimos sua voz. Ronald se vira em sua direção.*

*Ronald:* A memória é como um balão que voa, nem sempre podemos controlar sua trajetória. Às vezes, ela faz surgirem arco-íris em três dimensões, mas quando a gente quer se demorar, ela fica presa entre dois galhos de árvores e a gente fica prisioneiro dos temores que ela tem. Violetta, pelo amor de Deus! Não atravanque a minha memória. Seu perfume que imita o *Opium* já está irritando as minhas narinas.

*Violetta se levanta lentamente. Ela avança com uma sensualidade cheia de agressividade, ao mesmo tempo vulgar e patética. Ronald então se vira e se dirige a ela.*

---

<sup>38</sup> Marca japonesa da caminhonete que, na peça, transporta os passageiros do Haiti para a República Dominicana.

<sup>39</sup> *Jako*, em crioulo haitiano, é um tipo de papagaio (<http://creoles.free.fr/Cours/jako1.htm>).

*Ronald:* Como eu pude me deitar com você apenas uma vez? Tantas coisas em você brilham como falsos reflexos que se desagregam quando a gente tenta tocar neles. Seus cabelos longos avermelhados, seus cílios afrontosamente curvados, até o seu nome transformado de Viergéla para Violetta.

*Violetta:* Você acha que eu ia arrumar um bom cargo de governanta na cidade carregando nas costas as ruínas desta cidadezinha em agonia? Um nome de camponesa mal educada, um certificado de estudos primários duvidoso, da escola nacional de uma cidadezinha pequena. É preciso ficar o mais longe possível de tudo que parece com a miséria que a gente está largando para trás, se não ela não vai embora. Eu aprendi o jeito de agradar as mulheres da alta sociedade para ganhar algumas roupas que elas não queriam mais, sapatos velhos, bolsas um pouco gastas. É verdade que às vezes os patrões vêm levantar minhas saias, ofegantes como porcos no matadouro, mas é preciso saber separar a hora da recusa da hora do consentimento que vai render. Os dólares a mais para garantir que a Madame não será informada sobre as inclinações do Marido valem bem alguns minutos de chateação.

*Ronald:* E mesmo assim você teve que se refugiar nessa cidadezinha que você tanto detesta. Acusada de roubo e levada à justiça pela sua antiga patroa. Sua amizade com um oficial de polícia não serviu para grandes coisas no final das contas. Seu patrão esqueceu tudo para poder sustentar as acusações da mulher. O casal se juntou contra você, assim como os representantes da lei. Você passou cinco longos meses na prisão. Quando saiu, a cidade, acostumada com a deserção dos seus filhos, te acolheu com bondade, deixando você à vontade para abrir o seu comércio de produtos de beleza baratos, mesmo que a sua fisionomia e os seus gestos dissessem calmamente a todo mundo “Vão à merda”.

*Violetta:* E daí? Eu não ia bancar a arrependida, cheia de remorsos por uma vida de pecados. Sim, eu dormi com muitos homens que me deram de comer, meios para sobreviver, um teto para me abrigar. Eu não ia ficar esperando por você, reclamando que a vida está passando. Eu tomei a frente para não cair de cara no chão.

*Ronald:* Mas no final das contas você perdeu, porque olha você aqui prisioneira, espremida nessa caminhonete com a gente!

*Violetta*: Vou tentar minha sorte em outro lugar. Com a cara e a coragem. Estou pouco me lixando para o azul da sua ilha. Ele nunca me serviu para nada, nunca vestiu meus sonhos com luz. Eu não sou como você, cheio de remorsos, arrependimentos e esperança. É por isso que eu te segui naquele dia. Você me pareceu tão desesperado que eu te quis assim que te vi. É meu lado sádico.

*Ronald*: Cale-se, por favor. Precisa me fazer reviver aquele momento de fraqueza? Era o dia infame da traição do Carlo. Eu fugi pra minha casa, incapaz de suportar o olhar consternado e envergonhado da Francine. Eu tinha andado a esmo durante muito tempo, subindo por caminhos lamacentos sem prestar atenção, reconhecendo anestesiado o lugar dos troncos de árvores desenraizados pelos ciclones ou por braços de homens.

*Violetta (em retrospectiva)*: Na verdade, eu tinha sentido esse desejo desde aquele dia distante em que, pela primeira vez, eu vi você se aproximar da Francine.

*Ronald*: Você me alcançou perto do velho cemitério e me vomitou sua cólera com grandes gestos vingativos, contando a sua história sem se preocupar com as minhas reações.

*Violetta*: E no fim das contas, depois que a raiva passou, você me jogou na grama e entrou em mim soluçando como uma criança.

*Ronald*: Tudo isso está voltando à minha memória. A imagem selvagem dos nossos dois corpos, nossos pés entrelaçados e nossos gritos. Meu Deus! Nunca pensei que eu poderia me perder assim três vezes seguidas na grama seca do velho cemitério.

*Violetta (com um riso debochado e rebolando na frente de Ronald)*: Em seguida você quis fugir sem nem fechar o zíper da calça. Você balbuciava desculpas sem jeito. Falava o nome da Francine, da Fifi e da sua mãe. A sua culpa vazava por todos os poros.

*Ronald*: Não deboche de mim, Violetta.

*Violetta*: Eu fiz você descobrir toda a violência que está aí dentro. Através de mim você machucava a Francine, irmã do Carlo, aos seus olhos tão culpada quanto o irmão. Você a machucava dormindo comigo já que você não tinha coragem de dizer que quando você olhava para ela não parava de pensar no Carlo.

*Ronald*: Francine percebeu. Depois da traição de Carlo eu notei que ela fica olhando para mim. Ela sabe que a sombra de Carlo influenciou minha decisão de ir embora para Santo Domingo hoje.

*Violetta (separadamente e com uma voz cansada de velha que contrasta com seus movimentos e suas roupas de jovem cheia de uma sexualidade que transborda e é vulgar)*: Pobre Ronald! Você também queria que eu tivesse pena de você sendo que toda a minha vida foi só lutar contra o mau agouro para que eu não me afundasse nele. Meus vinte e cinco anos me parecem tão pesados hoje! Só me resta a força de ser dura e malvada para não chorar.

*Violetta se retrai e reganha seu lugar. Fifi vai para perto de seu irmão acariciando sua própria barriga.*

*Fifi*: O bebê mexeu pela primeira vez. Ele escolheu bem o momento. Será que é para me perguntar a que vespeiro eu trouxe a gente? Irmãozinho, estou com medo.

*Ronald pega a mão de sua irmã e os dois se voltam para o painel que representa a cidadezinha. Fifi continua com um tom cheio de doçura e nostalgia.* Medo de morrer sem ter falado com você como eu sempre faço comigo mesma, lá no fundo. Como se a gente estivesse do mesmo lado do espelho, um olhando nos olhos do outro e no espelho. Únicos e solidários. Como gêmeos. Lembra como eu defendia você e você me defendia em todas as ocasiões? Irmãozinho, eu sei o que aconteceu quando mamãe morreu, eu sei que você se sente culpado, mas a mamãe não ficaria magoada. Cada um de nós tem segredos que vão se infiltrando nos nossos sentimentos de culpa para trancafiarem a gente na nossa solidão. Eu tive medo de ir embora sem te dizer adeus. Eu simplesmente tenho medo de morrer.

*Os dois se falam, mas sem se olhar. Eles se dão a mão e olham pra outro lugar. Como se a presença do outro servisse apenas de pretexto para a palavra.*

*Ronald: Eu queria ter coragem de te confessar meu erro. Tenho tanta vergonha do que eu fiz no dia em que você me esperava perto do cadáver da mãe, na funerária.*

*De repente, ouvem-se disparos. A voz de Mauricio Rafaél Perez manda o motorista ir mais devagar. La Volanta é insensível às injunções do organizador e ao ricocheteio das balas em volta da caminhonete. Mais nada parece capaz de parar a Daihatsu. As sacudidas tornam-se cada vez mais perigosas, jogando os passageiros de um lado para o outro da caminhonete. A lona se contrai e se distende como um mostro azul que respira ofegante. Ao longo dessa cena, os diferentes quadros seguem-se uns aos outros, iluminando-se em desordem como se os pensamentos dos passageiros se misturassem.*

*Romaine (ela grita): Vamos aceitar morrer como cães?*

*Um longo silêncio de um segundo testemunha o impacto de suas palavras sobre homens e mulheres. Depois, o estrépito das angustiantes chacoalhadas desgovernadas recomeça e os xingamentos, as orações e as ladainhas se entrecrocaram.*

*Jean-Marie, com voz estridente: Cala a boca, sua vadia!*

*Josaphat (ele brande seu facão com energia): Ninguém vai me pegar vivo e, se precisar, ainda mato alguns antes de morrer!*

*Ronald observa com temor os movimentos ferozes do homem cujo facão que sai de seu alforje parece amaldiçoar a morte. Seus companheiros abrem o espaço que é possível abrir em volta dele. Esbarrando-se e gemendo, mulheres e homens se misturam. Perto dele, soluços chamam a atenção de Ronald. Évariste brada e bate em seu próprio peito com os punhos fechados.*

*O corpo de Edgar inclina-se de maneira titubeante e Ronald se aproxima dele. Com a mão forte e seca, Edgar puxa Ronald para si.*

*Edgar: Se por acaso eu não sair vivo dessa, cuida da sua irmã e da sua afilhada.*

*Sua voz faz Ronald, que queria lhe dizer para se calar pelo amor de Deus, estremecer.*

*Ronald: Para de falar besteira.*

*Mas em volta deles, o inferno azul não permite mais artificios.*

*Edgar: E quanto ao Roberto e a Francine, eu conto com você!*

*Ouve-se a voz de Fifi que se apaga gradualmente. Em volta dela, a confusão continua, mas em silêncio as pessoas se mexem, se movimentam, tentam fugir. Braços e pernas em convulsão, mas ouve-se apenas a voz de Fifi. Quando ela terminar de falar, só se verá seu corpo inanimado perto do corpo de Edgar.*

*Fifi: Mamãe sempre dizia que não é para ter medo de morrer. Que o cristão está sempre preparado para encontrar seu Deus! Eu acho que sou uma boa cristã, mas não me sinto pronta. Queria ficar aqui por mais um tempo. Até agora, parece que eu joguei amarelinha com a vida e nunca cheguei ao paraíso. Encontrei tantos obstáculos pelo caminho! A tristeza devastadora de mamãe que proibia os risos e os arroubos de alegria, a miséria que encerra os nossos arrebatamentos em um espaço quadrado e cinzento. A cidadezinha também, onde todos os olhos penduram a gente na vida que eles pensam ser melhor, como se estivessem sempre prontos para pegá-la de volta se você decidir não passar na frente da casa deles e mudar de caminho. Eu não conheci a vida, eu a entrevi no Cap entre dois parênteses que eu não compartilhei com ninguém. Como um aperitivo da felicidade que nunca mais vou poder ter! Cristã ou não, eu bem que poderia viver mais um pouco.*

*O som de repente volta terrível e ensurdecedor. Os veículos freiam bruscamente. A lona azul se move e se contorce em seguida, cai e desaparece. Os ruídos violentos das portas, o eco dos sapatos no chão, precedem as detonações de armas mais próximas que desencadeiam clamores de medo. Braços e pernas se convulsionam. Ronald se levanta abaixado e lança olhares de pânico em torno dele. Como os outros, ele tenta se proteger dos tiroteios. Ele ainda não entende quem está atirando, mas a urgência de se proteger e encontrar Fifi o torna subitamente lúcido e calmo.*

*Romaine (ela se agarra a Ronald e sussurra):* Esses porcos militares dominicanos querem nos matar. A gente tem que fugir. Vem comigo.

*O olhar da mulher se tinge de uma nova emoção. Ronald olha em torno dele, seus olhos procuram sua irmã que ele ainda não vê e param no cadáver de Évariste cuja cabeça está estranhamente contorcida. Ronald empurra suavemente Romaine, que olha para ele com pesar antes de se precipitar. Sem se preocupar com as balas disparadas, com o barulho, com os gritos, Ronald avança ao acaso.*

*Ronald:* Fifi, onde está você?

*Ronald salta o corpo de Marie-Jeanne, que apalpa sua perna ferida gemendo. A grande mão de Josaphat o faz bascular. Marcas de sangue mancham a camisa do velho camponês e ele vacila um pouco, mas seu facão continua vibrante contra ele. Arqueado para evitar as balas, Josaphat se enfia sem cerimônia entre os homens e as mulheres ajoelhados, deitados ou procurando, como ele, escapar.*

*Josaphat:* Deixem-me passar, deixem-me passar!

197

---

*Josaphat foge para longe com seu facão na mão. Ronald hesita por um momento e titubeia diante do cadáver de Madeleine. Ele se inclina e fecha os olhos que estavam abertos. Os militares dominicanos prendem Jean-Marie e Lorette, que se defendem com as mãos e os pés, mas em vão. Eles são empurrados sem cerimônia. Ronald para bruscamente, pois acaba de ver o corpo de sua irmã e de seu cunhado. Os dois corpos estão alongados. Edgar está com seu braço apoiado sobre o quadril de sua mulher. Ronald se ajoelha perto do cadáver de Fifi e pega sua mão. Ele passa seus dedos na pele dela como se quisesse acordá-la, mas ela não se move. A palma ainda está úmida e macia. Ele apoia seu rosto no ventre arredondado.*

*Ronald (olha em direção ao céu):* Ah, piedade! Ah! Mamãe, mamãe! Depois de ter chorado, Ronald se cala por um momento e depois, com muita doçura, coloca a cabeça de Fifi em seus joelhos. Sua voz é como um sussurro, uma confiança. Eu tinha planejado devolver o dinheiro. Sem falta. Eu teria te dado os primeiros pesos que eu ganharia no leste, eu teria devolvido, explicando as circunstâncias. Você entenderia, é claro. Com a morte de Man Étienne, eu tinha achado dez mil quinhentos e nove *gourdes* no cofre. Sabe qual? Onde a mamãe guardava os papéis da família enrolados com elásticos distendidos. Dez mil quinhentas e nove *gourdes* (Ronald enunciava claramente os números com um tom de admiração),

uma aurora, um milagre, como se, morrendo, mamãe tivesse mostrado o seu desejo de me ver realizando meu sonho. Este projeto de garagem com Carlo que se arrastava lamentavelmente, por falta de dinheiro, há tanto tempo. Eu não estava esperando por isso, juro. Eu estava anestesiado pela tristeza, abri o cofre para nada, como se fosse para dizer adeus à mamãe, tocando na parte mais secreta de sua vida, uma vida pontilhada quase invisível. O pedaço do tecido florido do último vestido das gêmeas, uma foto em branco e preto do pai da mãe e nossos boletins escolares. Depois, entre as certidões de nascimento e de morte, me deparei com um envelope cheio de maços de dinheiro. Minha única desculpa é que eu não tinha planejado meu ato. Eu fiquei espantado quando vi todo esse dinheiro todo arrumadinho. contei as notas várias vezes antes de pegar o envelope.

*Em volta de Ronald, os movimentos continuam. Os militares conduzem os prisioneiros (Enzo Gabriel, Marie-Jeanne, Lorette, Jean-Marie, o organizador Rafael). Eles se debruçam sobre os cadáveres: o motorista La Volanta, Évariste, Fifi, Edgar, Madeleine. Faz-se um vazio em volta do jovem que permanece ao lado do corpo de sua irmã.*

198

*Ronald:* Eu não falei nada. Eu deixei você se encarregar dos funerais. Ninguém se surpreendeu. No final das contas, você era a mais velha e você herdaria a máquina de costura da mamãe. No último minuto e meio a contragosto, eu te dei duas mil *gourdes*. Você se encarregou de tudo: funeral, velório, roupas de luto. Depois de muito tempo, eu soube que você tinha penhorado todos os seus pobres bens junto aos credores da cidade vizinha: a louça que nem tinha sido desembalada e os lençóis novos, a colcha ainda no saco plástico que Violetta tinha te vendido umas semanas antes. Uma colcha enorme rosa e brilhante com grandes flores vermelhas que todos nós tínhamos admirado sem ousar tocar nela.

*A voz de Fifi aumenta monocórdia e morna.*

*Fifi:* E também a bela toalha de mesa branca bordada pela própria Man Étienne e que sempre enfeitava a mesa nos dias de festa, antes de voltar para a embalagem de plástico transparente no fundo do armário. A toalha eu peguei de volta, mas nunca consegui pegar de volta a colcha. Eu tinha montes de coisas urgentes, uma depois da outra!

*Ronald:* Jurei para mim mesmo que ia comprar para você uma ainda maior e mais bonita em Santo Domingo. Uma azul com grandes flores brancas. Azul é sua cor preferida.

*Fifi (sempre deitada):* É só um pedaço de tecido como qualquer outro. Eu sabia que você tinha pegado o dinheiro, porque Man Étienne tinha me falado meses antes de morrer. Ela me fez jurar que eu usaria o dinheiro para o funeral, ela não queria de jeito nenhum que o enterro fosse um fardo para nós. Eu não disse nada porque eu sabia que você com certeza precisaria dele para bater asas. É esse o sonho, essa brasa que dá asas, que nos faz esquecer que somos mortais. Cada um de nós tinha um sonho, e eu queria tanto que pelo menos algum de nós pudesse ver um pedaço dele.

*A partir daqui, ouvem-se os ecos de vozes infantis de fundo, veem-se as silhuetas das crianças que brincam, pulam corda e riem. Pouco a pouco as vozes se fazem mais fortes e as silhuetas, mais distintas.*

*Ronald:* Fui castigado. Não tenho mais nada. Esse canalha do Carlo enlameou meu sonho com a sujeira dele. Me sinto ainda mais culpado. Eu queria te dar tantas, tantas coisas! Essa colcha azul...

*Fifi:* Azul ou rosa, pouco importa! Isso será sempre apenas um paliativo para a verdadeira felicidade.

*Ronald:* Eu não tinha o direito de te privar para satisfazer minhas próprias vontades. Eu teria dado tudo para fazer você ficar mais um pouco com a gente.

*Fifi:* De qual lado da ilha?

*Ronald:* Uma parte de mim vai ficar aqui com você. Com você, com Edgar e o bebê de vocês hoje mexeu pela primeira e única vez. Uma parte de mim ficará para sempre aqui com vocês.

*Reconhece-se agora a música cantarolada pelas crianças. É uma música popular haitiana: “Haïti chérie Mwen konnen yo bél ti peyi...”<sup>40</sup>.*

---

<sup>40</sup> *Haïti chérie Mwen konnen yo bél ti peyi:* “Haiti querido eu conheço um belo pequeno país”.

*Fifi*: Promete para mim que não vai esquecer o azul da ilha. Promete para mim que vai voltar lá pro outro lado da ilha e cuidar da minha filha e do seu filho. E da sua Amandine que está quase nascendo...

*Ronald*: Tanta coisa para fazer! Parece que a gente quis encontrar uma solução, mas esqueceu que o azul do céu não muda atravessando a fronteira.

*Fifi*: Leva com você tudo o que puder ajudar: a dignidade da Madeleine, o entusiasmo da Romaine, a determinação tranquila do Edgar, a inocência do meu bebê.

*Ronald*: Eu levo comigo essa parte da nossa infância que me torna invencível. A ternura que você tem e a sua inclinação para a felicidade. Vou precisar disso do outro lado da ilha.

*Fifi*: Cuida da Amandine que está quase nascendo...

*Ronald*: Em setembro, do nosso lado da ilha.

200

*Fifi*: Tantas crianças nascem sob o azul da ilha.

*Ronald*: Tantas coisas pra fazer.

*Uma última vez, apesar dos empurrões que martelam suas costas, Ronald vê os cadáveres de seu cunhado e de sua irmã. Vê-se que ele se levanta e despede-se de seus mortos, depois ele se dirige em direção ao oeste. À medida que ele avança, o painel fica azul, cada vez mais azul, de um azul quase insustentável. Os mortos se levantam e o acompanham. Por fim, as silhuetas das crianças se tornam enormes e invadem a última cena. Elas se dirigem, também, para o oeste.*

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Henrique P. (Org.) Estilhaços. **Antologia de poesia haitiana contemporânea**. São Paulo: Selo Demônio Negro, 2020.

BÉRARD, Stéphanie. Théâtre haïtien au féminin: les grandes voix de la scène haïtienne. **Africultures**, 3, n. 103-104, 2015, p. 220-229.

CASANOVA, Pascale. **A república mundial das letras**. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

FIGUEIREDO, Eurídice. O Haiti: história, literatura, cultura. **Revista Brasileira do Caribe**, v. VI, n. 12, Jan-Jun, 2006, p. 371-395.

HERBECK, Jason; TROUILLOT, Évelyne. Entretien avec Évelyne Trouillot. **The French review**, v. 82, n. 4, p. 822-829, mar. 2009.

HERBECK, Jason. History, humanity, and the literary construction of Haiti in Évelyne Trouillot's works. **Palimpsest: A journal on women, gender, and the black International**, vol. 8, no. 1, p. 7-10, 2019.

S.a. Bibliography of works related to Trouillot studies. **Palimpsest: A journal on women, gender, and the black International**, vol. 8, no. 1, p. 37-38, 2019.

LARSEY. Lexique VAUDOU. <https://porteddieux.clicforum.com/t2397-Description-Lexique.htm>. Postado em 12 de dezembro de 2015. Acesso em 9 de agosto de 2020.

201

---

MÉNARD, Nadève. (éd.). **Écrits d'Haïti. Perspectives sur la littérature haïtienne contemporaine (1986-2006)**. Paris: Karthala, 2011.

MAÇON, Dumas. La vie dans une bately dominicain en 2015. **Le Nouvelliste**. Publié le 2015-07-22. <https://lenouvelliste.com/lenouvelliste/article/147613/Laviedansunbatelydominicainen2015> Acesso em 9 de agosto de 2020.

TROUILLOT, Évelyne. [Email] Destinatário: Ana Cláudia R. Ribeiro. 14 de maio de 2017.

TROUILLOT, Évelyne. Présentation; **Le bleu de l'île**. Revue de Théâtre Coulisses, 44, Printemps 2012, Presses Universitaires de Franche-Comté, p. 103-145.

TROUILLOT, Évelyne. Le Bleu de l'île (The Blue of the Island), tradução de Robert H. McCormick Jr. **Journal of Haitian Studies**, vol. 18, n. 2, Special Issue on Vodou and Créolité, Fall 2012, n. 4, p. 264.

TROUILLOT, Évelyne. À sombra da amendoeira, traduzido por Raquel Dommarco Pedrão. **Puñado**, 5, 2018, p. 78-84.

TROUILLOT, Évelyne. **Entrevista a Juliana Leite**. <https://incompleta.com.br/entrevista-evelyne-trouillot/> Acesso em 19 de novembro de 2019.

Data de envio: 14/03/2020  
Data de aprovação: 04/09/2020  
Data de publicação: 21/12/2020